



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**PERLYSON ALVES DE SOUSA**

**O INTERNACIONAL NA CULTURA DO CARNAVAL DE OLINDA:  
A EXPERIÊNCIA DO GRUPO NAÇÃO MARACAMBUCO**

**JOÃO PESSOA**

**2024**

**PERLYSON ALVES DE SOUSA**

**O INTERNACIONAL NA CULTURA DO CARNAVAL DE OLINDA:  
A EXPERIÊNCIA DO GRUPO NAÇÃO MARACAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Relações Internacionais da  
Universidade Federal da Paraíba - Campus I  
(UFPB) para obtenção do grau de Bacharel em  
Relações Internacionais

Orientadora: Profa. Dra. Xaman Korai  
Pinheiro Minillo

**JOÃO PESSOA**

**2024**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S725i Sousa, Perlyson Alves de.

O internacional na cultura do Carnaval de Olinda: a experiência do grupo Nação Maracambuco / Perlyson Alves de Sousa. - João Pessoa, 2024.

61 f. : il.

Orientação: Xaman Korai Prinhoeiro Minillo.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Carnaval. 2. Experiências internacionais. 3. Maracatu. 4. Nação Maracambuco. I. Minillo, Xaman Korai Prinhoeiro. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

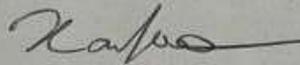
PERLYSON ALVES DE SOUSA

**O INTERNACIONAL NA CULTURA DO CARNAVAL DE OLINDA: A  
EXPERIÊNCIA DO GRUPO NAÇÃO MARACAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

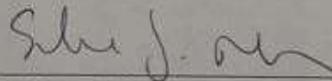
Aprovado(a) em, 11 de outubro de 2024

**BANCA EXAMINADORA**



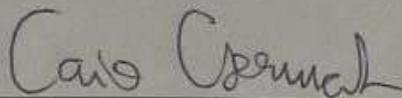
---

Profa. Dra. Xaman Korai Pinheiro Minillo – (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



---

Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



---

Prof. Dr. Caio Csermak  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente aos meus pais, Mônica e Péricles, que sempre estiverem ao meu lado, oferecendo amor e incentivo incondicional. Vocês foram minha maior fonte de motivação e suporte em todos os momentos. Agradeço à Anália, por todo o seu apoio e paciência. Obrigado por acreditar em mim e me motivar durante essa jornada.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Xaman Korai Pinheiro Minillo, pela orientação e apoio ao longo de todo o processo. Sua expertise e experiência foram fundamentais para o desenvolvimento das ideias contidas neste trabalho. Também agradeço ao Prof<sup>o</sup> Me. Gerson da Silva Ribeiro por toda a ajuda na elaboração e submissão deste trabalho.

Agradeço ao Maracambuco, enquanto instituição, e também aos seus integrantes, principalmente Nilo, Carine e Mimi, que compartilharam suas experiências e tornaram este trabalho possível.

Um agradecimento especial a mim, que desde 2019 me esforço para me tornar um internacionalista. Pandemia, mudanças, noites em claro estudando e muitas dúvidas foram essenciais para construir minha trajetória. Esse caminho não foi fácil. Essa conquista serve como motivação para continuar aprendendo e crescendo, sempre em busca de novos horizontes.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram na minha trajetória na graduação. Cada um de vocês deixou uma marca importante na minha formação.

***“Quem segura o porta-estandarte tem a arte”***

Chico Science e Nação Zumbi

## RESUMO

O carnaval brasileiro é um dos maiores eventos do planeta. Rodeado de grandiosidade, misticismo e folia, atrai milhões de pessoas para o seu festejo. Nesse contexto, Olinda (PE) desponta como um dos principais destinos, tendo em sua comemoração a mistura dos elementos tradicionais locais com a estrutura de um enorme evento. Tendo como foco a investigação da relação entre o internacional e a cultura do carnaval de Olinda, o estudo se debruça sobre as experiências do grupo Maracambuco, analisando-as a partir de uma perspectiva das relações internacionais imprimindo o método etnográfico. Apresenta-se uma interpretação destas experiências embasada em informações coletadas a partir da realização de entrevistas e de uma etnografia. Desta forma, a pesquisa destaca a relação de proximidade e importância que as relações internacionais possuem com o carnaval da cidade a partir das experiências dos membros da Nação Maracambuco. Ademais, apresenta-se em detalhes a experiência de produção deste trabalho, com o fim de contribuir para as práticas de pesquisa realizadas no âmbito do Curso de Relações Internacionais da UFPB.

**Palavras-Chave:** carnaval; experiências internacionais; maracatu; nação maracambuco.

## ABSTRACT

Brazilian Carnival is one of the largest events on the planet. Surrounded by grandeur, mysticism, and revelry, it attracts millions of people to its festivities. In this context, Olinda (PE) stands out as one of the main destinations, celebrating a blend of local traditional elements with the structure of a massive event. Focusing on the investigation of the relationship between the international and the culture of Carnival in Olinda, the study delves into the experiences of the Maracambuco group, analyzing them from an international relations perspective through an ethnographic method. An interpretation of these experiences is presented, grounded in information collected from interviews and ethnographic research. Thus, the research highlights the close relationship and significance that international relations have with the Carnival of the city, based on the experiences of the members of Nação Maracambuco. Additionally, the study details the experience of producing this work, aiming to contribute to the research practices within the International Relations course at UFPB.

**Keywords:** carnival; international experiences; maracatu; nação maracambuco.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO.....  | 10        |
| <b>1. METODOLOGIA.....</b>   | <b>14</b> |
| 1.1 Inspiração etnográfica.....  | 15        |
| 1.2 Entrevistas Compreensivas.....   | 16        |
| 1.3 Diálogos: a realização das entrevistas.....  | 18        |
| <b>2. MARCO CONCEITUAL.....</b>  | <b>21</b> |
| 2.1 Conceituação de Cultura.....   | 21        |
| 2.2 Cultura popular Brasileira.....  | 24        |
| 2.3 Maracatu: definições.....  | 25        |
| 2.3.1 Maracatu: surgimento e história.....   | 25        |
| 2.3.2 Maracatu Nação - Origem e definições.....  | 27        |
| 2.3.3 Maracatu Rural - Origens e Definições.....                                       | 28        |
| <b>3. DISCUSSÃO.....</b>   | <b>29</b> |
| 3.1 Santos, Rainhas e Leões: a história do Nação Maracambuco.....                      | 30        |
| 3.2 Minha Relação com o Maracambuco.....   | 33        |
| 3.3 Reverberar: O impacto para além dos tambores.....                                  | 38        |
| 3.4 Maracambuco enquanto Instituição.....  | 43        |
| 3.5 Relação do Maracambuco com o Internacional.....                                    | 46        |
| 3.6 “Um povo que não preserva sua história e sua cultura, é um povo sem memória”.....  | 50        |
| <b>FECHAMENTOS E ABERTURAS: DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS AO SÁBADO DE ZÉ PEREIRA.....</b> | <b>53</b> |
| REFERÊNCIAS.....   | 56        |
| ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP Nº 6.682.014.....                             | 63        |
| ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP Nº 6.785.074.....                             | 63        |
| ANEXO C - RELAÇÃO DE CATEGORIAS E CACHÊS SEM COMPROVAÇÃO.....                          | 63        |
| APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS INICIAL.....                                       | 63        |
| APÊNDICE B - CARTA RESPOSTA AO CEP.....  | 63        |
| APÊNDICE C - COMO FOI A SUBMISSÃO AO CONSELHO DE ÉTICA E PESQUISA.....                 | 63        |

## INTRODUÇÃO

Embora não tenha surgido no Brasil, o carnaval é considerado uma festa genuinamente brasileira. Carregado de aspectos culturais e históricos do país, é um dos maiores do mundo e a folia se estende por todo o território nacional. Nesse cenário, o carnaval de Olinda/PE destaca-se como um dos grandes e mais tradicionais festejos do mundo, com milhares de agremiações que desfilam pelas ladeiras históricas da cidade.

Realizado desde o início do século XX - época do surgimento dos clubes carnavalescos na cidade - inicia-se no Sábado de Zé Pereira e se estende até a Quarta-feira de Cinzas, mantendo as tradições culturais como maracatu, o frevo, suas calungas, os caboclos de lança etc. Apesar das muitas transformações urbanas e culturais, o carnaval da cidade mantém a sua tradição exibindo diversas maneiras de adaptação de suas manifestações, o que continua atraindo milhões de pessoas.

Quando o carnaval está se aproximando, há uma aura diferente em volta das cidades irmãs Recife e Olinda, que de tão próximas, às vezes fica difícil saber onde uma termina e a outra começa. Obviamente há uma delimitação clara de seus limites político-burocráticos, mas durante o carnaval as vizinhas convivem em uma simbiose quase perfeita. Olinda com seus encantos diurnos, sol e calor no ‘sobe e desce das ladeiras’; e Recife com suas atrações noturnas, trazendo o frescor e a brisa para ‘baixar’ o fogo do dia.

Ainda hoje, lembro de, por volta dos 10 anos, meus pais e tios levarem a mim e meus primos ao primeiro carnaval de nossas vidas. A ideia era ir ao tradicional “Bloco da Lama” (Bloco do Mangubeat), que também tinha programação infantil, para podermos vivenciar um pouco do que era aquela euforia que durava 5 dias. Andamos muito, vimos o carnaval e eu, em particular, me senti muito bem no meio de todo aquele alvoroço.

Todos os anos, as cidades têm esquemas de segurança e mobilidade específicos. Neste Carnaval, nosso ponto de parada e apoio foi na sede do Maracambuco, que fica a cerca de 2km da prefeitura de Olinda, um dos pontos mais movimentados de saída dos blocos. De lá até a entrada da cidade histórica é um percurso de cerca de 20 minutos andando. A caminhada vira uma atração: ela é repleta de foliões fantasiados, que podem ser o que quiserem, vivendo a liberdade e a alegria do carnaval, além das tradicionais ruas enfeitadas, que ao mesmo tempo em que protegem do calor, enchem os olhos e contribui para que a breve caminhada nem seja sentida.

Não consigo lembrar de todos os detalhes daquele dia, mas lembro que a cidade já estava lotada e tentamos fazer caminhos mais ‘vagos’, onde a passagem fosse mais fácil, para chegar ao pátio da Basílica e Mosteiro de São Bento, lugar onde estava o bloco. É difícil quantificar ou até mesmo explicar o que foi aquele sentimento, mas talvez a imagem abaixo possa demonstrar, ao menos, um pouco da nossa alegria.

Figura 1 - Meu primeiro carnaval



Fonte: Arquivo pessoal, 2009.

Esse, sorridente e de chapéu de na cabeça, sou eu. É possível notar como estávamos felizes no meio de uma ladeira abarrotada, em pleno verão nordestino quando as temperaturas variam entre 26° a 34° C. Mas poderia jurar que estava parecendo estar em quase 50°! E no meio de tudo, até a Cinderela parou para tirar foto conosco! Icônica personagem criada e vivida por Jeison Wallace, comediante pernambucano, ela é presença tradicional nos programas diurnos de alguns programas das TVs de Pernambuco, além de ter sido uma personalidade bastante conhecida no cenário cultural do estado, com presença confirmada em todas as coberturas televisivas do carnaval de Olinda.

Após andar, subir ladeiras, nos melar de lama, escutar as tradicionais orquestras de frevo, tirar foto com a Cinderela, chupar picolé e descer as ladeiras, essa foi minha primeira

experiência com o Carnaval. Tenho mantido a ‘tradição’ de estar ‘varrendo’ as ladeiras históricas da minha cidade natal durante os melhores cinco dias do ano.

Durante o último carnaval de Olinda, de acordo com dados divulgados pela prefeitura municipal (Carnaval, 2024), foram movimentados cerca de R\$400 milhões nos dias de festa, em que a cidade recebeu mais de 4 milhões de foliões. Ainda de acordo com os dados, mais de 1.400 “empreendedores do carnaval” estiveram trabalhando no evento, que contou com cerca de 200 atrações espalhadas em polos na cidade, 485 orquestras desfilando nas ruas e aproximadamente 1.500 agremiações de carnaval, dentre elas grupos de cultura popular.

Trago essa introdução para explicar de onde este estudo surgiu. Inicialmente, ao tratar com a professora Dr. Eliane Superti (UFPB), minha ideia era examinar como a cultura do carnaval poderia estar ligada com as relações internacionais - aqui digo nossas no sentido mais tradicional dos estudos em RI, como as relações econômicas do carnaval, a influência internacional no festejo, na projeção da imagem do Brasil para angariar capital político ou financeiro.

Essa ideia foi interrompida, principalmente pelo fato da pandemia de COVID-19 ter se alastrado rapidamente e ter nos afastado fisicamente do ambiente acadêmico, o que impactou diretamente a minha vivência com a universidade. Até que, para o trabalho de conclusão de curso, retomei a pesquisa com o desejo de permanecer no cenário cultural, no entanto, sob uma nova perspectiva: de utilizar a experiência internacional do Grupo Maracambuco como fio condutor dessa relação do carnaval de Olinda e das relações internacionais.

Dentro desse campo de estudos, existem vários debates de como atores não estatais (empresas, ONGs, grupos da sociedade civil etc.) atuam e influenciam o cenário internacional. Keck e Sikkink (1998) explicam que esses entes ajudam a reformular políticas para ressoar no cenário internacional a partir da amplificação de vozes normalmente marginalizadas. Entretanto, a “ascensão de atores não estatais, constitui uma nova fronteira epistemológica de difícil compreensão e delimitação” (Olsson e Salles, 2017, p.334).

Dessa forma, neste trabalho buscava compreender a conexão entre as relações internacionais e a cultura do carnaval na cidade de Olinda, focalizando a experiência do grupo Maracambuco. Para tal, procurava identificar as diversas formas em que o aspecto internacional se manifesta na experiência dos integrantes do Maracambuco, considerando como essas vivências influenciam o grupo.

Após muitas conversas e ponderações com a orientadora desse estudo, a professora Dr. Xaman Korai, e reconhecendo meu envolvimento afetivo com o carnaval e com o

Maracambuco, adotamos uma abordagem qualitativa, que nos permitiu explorar a temática de maneira profunda e contextualizada.

Assim, inicio o trabalho expondo, no Capítulo 1, a metodologia adotada, enfocando a abordagem etnográfica, as entrevistas realizadas com alguns integrantes do Maracambuco e como se deu o processo de realização do estudo. Essa seção discutirá como essas metodologias ajudaram a abordar os temas propostos e a gerar novos debates. Após isso, no Capítulo 3, discuto conceitos relevantes que fundamentam a análise. E, por fim, no Capítulo 4 reflito sobre os achados da pesquisa, ressaltando os insights adquiridos ao longo do caminho. Reflexões sobre as discussões levantadas, assim como os caminhos percorridos para realizar a pesquisa, e as implicações e limitações desta são retomados para compor as considerações finais trazidas na Conclusão.

## 1. METODOLOGIA

Durante minha graduação, cursei duas disciplinas que lidam diretamente com a escrita de trabalhos/pesquisas científicas - Metodologia do Trabalho Científico (MTC) e Pesquisa Aplicada às Relações Internacionais (PARI). E embora ambas tenham abordado várias nuances da elaboração e execução de pesquisas, não abordaram com profundidade os seus aspectos éticos, relevantes para a realização de uma pesquisa envolvendo humanos. Um exemplo disso é que não houve a citação da necessidade de submissão do trabalho a um Conselho de Ética em Pesquisa (CEP).

O objetivo do MTC foi apresentar a natureza do trabalho científico, a estrutura dos diferentes tipos de trabalhos acadêmicos, as etapas da pesquisa bibliográfica, os principais órgãos de normalização, a aplicação das normas técnicas de documentação e os meios de acesso aos documentos. Enquanto PARI focou em explorar os conceitos fundamentais da pesquisa científica, tanto básica quanto aplicada, especialmente nas Ciências Sociais e nas Relações Internacionais. Isso permitiu uma reflexão sobre o desenvolvimento epistêmico das Relações Internacionais.

Dessa forma, estudamos como diferenciar métodos qualitativos e quantitativos; que podem existir pesquisas bibliográficas, históricas, documentais, descritivas, exploratórias, etc.; normas ABNT e regras aceitas na comunidade acadêmica - como as principais normas técnicas, o que é caracterizado como plágio e a comunicação científica.

Além disso, no decorrer do curso pude perceber que a maioria dos caminhos metodológicos apresentados nos levavam a realizar trabalhos de conclusão de curso (TCC) que envolviam a realização de revisão bibliográfica - rever concepções basilares das relações internacionais, comparar conceitos, enxergar determinado tema de acordo com a perspectiva de alguma escola teórica. Isso me levou a um impasse na pesquisa, visto que mesmo tendo a vontade e a ideia do que gostaria de fazer no meu TCC, não conseguia enxergar como.

Durante a disciplina de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID), numa palestra sobre a CID Brasileira, focada em educação, a professora Dr. Silvia Garcia (UEPB) discorreu sobre as experiências de alguns alunos timorenses e brasileiros em intercâmbio (Iorio e Nogueira, 2019). Me tocou a riqueza da pesquisa, que havia sido desenvolvida utilizando entrevistas e o método etnográfico. A partir deste contato e do desenvolvimento do objeto e objetivos desta pesquisa, pude perceber qual método poderia ser

utilizado para melhor colher os dados que iria utilizar. Dessa maneira, consegui enxergar a solução para o desenvolvimento do projeto, um caminho a ser percorrido.

O objeto deste trabalho demanda a utilização de coleta e análise de dados focando na atribuição de significados, que estão intrínsecos aos indivíduos do grupo pesquisado. Neste caso, me inspirei no método etnográfico valendo-me de experiências anteriores que possuía com o Maracambuco. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com três integrantes do Maracambuco. Também me apoiei na análise de conteúdo de alguns documentos referentes à história do grupo, como suas consagrações, certificados, títulos e publicações (livros, revistas, documentários e site institucional do grupo).

### **1.1 Inspiração etnográfica**

A etnografia pode nos fazer “aprender e compreender os “mundos” de outras pessoas, entender como as outras pessoas veem as suas experiências” (Bovo, s/d).

Os resultados de certas formas de coleta de dados etnográficos podem ser reduzidos a tabelas, gráficos e diagramas, mas todo relatório etnográfico acabado toma a forma de narrativa, uma longa história que cuja meta principal é reproduzir para o leitor a experiência da interação e vivência do etnógrafo com numa determinada comunidade (Angrosino, 2009, p.32).

Dessa maneira, um relato etnográfico busca reproduzir, a partir da escrita, a realidade observada pelo pesquisador em um determinado espaço de tempo. A partir dessa inspiração, para produzir os relatos desta pesquisa, foram valorizadas experiências pessoais com o grupo Nação Maracambuco no exame do conteúdo das entrevistas com os três integrantes.

Cada pesquisador, ainda que almeje a objetividade, tem seu ponto de vista. Dessa maneira, examina e interpreta as informações a partir de suas próprias experiências, seus sentimentos e suas percepções, não estando apenas como um observador, frio e não envolvido. Sua interação na pesquisa pode ter influências relevantes ao resultado encontrado. Neste caso, reconheço que foi um fator determinante para a coleta e análise dos dados, uma vez que, como citado acima, meu contato com o grupo é de longo prazo.

Dessa forma, meu envolvimento também passa a ser um dado, que se deve a minha convivência prévia com o grupo e seus integrantes. Essa circunstância favoreceu a compreensão dos significados que membros do grupo atribuem às questões tratadas na pesquisa. No entanto, durante as minhas experiências anteriores ao início dessa pesquisa, o

convívio não tinha uma conotação científica, o que não a caracteriza como uma etnografia participante, na qual o pesquisador envolve-se nas atividades do grupo que observa incorporando o papel de cientista (Pinto, 2023, p.29).

Pinto (2023) também ressalta o conceito de “gatekeepers” ou guardiões do portão, que seriam “aqueles que vão facilitar ou dificultar o acesso do pesquisador a pessoas, coisas ou lugares de interesse para a investigação” (p.21). No contexto de pesquisa de campo, é essencial entender como lidar com esses guardiões, uma vez que podem influenciar diretamente o sucesso da coleta de dados e a dinâmica da investigação. Ter crescido em contato com o Maracambuco, participando de atividades do grupo e estando em contato constante com eles também me proporcionou esta aproximação. Dessa maneira, consegui acesso às pessoas, local e bibliografia (acervo do grupo) sem dificuldades.

## **1.2 Entrevistas Compreensivas**

De acordo com Edwards e Holland (2013), as entrevistas são fundamentais para gerar conhecimento, apoiar decisões informadas e promover inovação. Elas também formam profissionais críticos, incentivam o engajamento cívico e avaliam políticas e programas, sendo essenciais para o progresso social, econômico e científico.

Assim, podemos identificar a entrevista como um elemento essencial em situações onde a análise quantitativa não consegue abranger toda a complexidade dos fenômenos estudados, possibilitando aos pesquisadores obterem informações profundas e contextuais, enriquecendo assim a interpretação dos dados. Além disso, Kaufman (2013, p.25) destaca que a entrevista é “um método econômico e de fácil acesso”, o que pode ajudar a produzir ciência sem muito investimento.

basta ter um pequeno gravador, um pouco de audácia para bater às portas, amarrar a conversa em todos de um grupo de questões, saber em seguida extrair do “material” recolhido os elementos de informações e de ilustração das ideias a serem desenvolvidas e você está quase lá (Kaufman, 2013, p.25).

Tradicionalmente, as entrevistas podem ser diferenciadas em 3 tipos, (i) estruturada, (ii) semi-estruturada e (iii) aberta. A (i) parte de uma de um esquema de perguntas fixas, sem flexibilidade e é mais tradicionalmente utilizada em pesquisas quantitativas, na forma de surveys. Já a (ii), embora possua um roteiro programado, permite desvios, visando explorar as

oportunidades que possam surgir das respostas dos entrevistados. A forma aberta, ou não-estruturada, é moldada a partir de uma conversa natural, permitindo uma exploração do contexto.

Kaufman (2013) também nos apresenta o conceito de “entrevista compreensiva”, trazendo a provocação à comunidade acadêmica de se trabalhar o contexto das entrevistas semi-estruturadas de maneira mais flexível, sem ficar preso à metodologia padrão. Sobre esse conceito, Silva e Silva (2016, p.5) trazem que

Os dados expressos nas falas são referenciais para hipóteses e conceitos constituintes das construções teóricas. Assim, procuramos ficar atentos e abertos para os sentidos e significados presentes nas entrelinhas dos discursos [...], pois entendemos que a fala do outro se constitui como um elemento de mediação importante entre o indivíduo e a realidade social.

A partir disso e entendendo que, com base nas perguntas feitas aos entrevistados, nós poderíamos seguir para um caminho totalmente novo e inesperado - o que não significa algo ruim - decidi adotar o método de entrevista compreensiva, partindo de um modelo semi-estruturado. Dessa forma, foi organizado um roteiro (Apêndice A) contendo perguntas sobre temas que consideramos essenciais para o andamento da pesquisa. Ao longo das entrevistas algumas das perguntas foram colocadas aos informantes, mas não todas, pois algumas respostas já eram fornecidas como parte da resposta de outras perguntas e conforme o rumo da conversa, mostravam-se menos interessantes.

Durante a primeira conversa, eu havia programado seguir o roteiro fielmente, mas no decorrer da conversa entendi que isso iria atrapalhar o compartilhamento de ideias que estávamos tendo, e dessa maneira decidi ‘improvisar’ e seguir conversando sem necessariamente me ater às perguntas programadas. “à não personalização das perguntas ecoa a não personalização das respostas” (Kaufman, 2013, p. 39).

Procurei evitar um vínculo hierárquico entre entrevistador e entrevistado - algo que percebi ser impossível de se alcançar. Reconheço que há um fator hierárquico sobre aquele que quer saber e aquele que vai dar a informação, onde o primeiro direciona a conversa para as questões de seu interesse. Há também certa hierarquia que privilegia o informante por ser este quem detém o conhecimento especializado que o entrevistador deseja acessar. Além disso, foi explicitado que além de estar ali para participar da pesquisa, os entrevistados também poderiam realizar questionamentos acerca da pesquisa e das temáticas debatidas, de acordo com o compromisso ético basilar desta pesquisa.

A pré-existência de proximidade com os entrevistados foi algo importante para o decorrer das conversas, pois isso nos permitiu um tratamento mais horizontal e ‘descontraído’, pude perceber que esse fator tornou os entrevistados mais abertos a falar sobre os temas, não sentindo-se “interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem” (Kaufman, 2013, p.80).

Seguir neste caminho me permitiu conversar sobre outros assuntos e trouxe informações que, ao meu ver, não seriam extraídas apenas seguindo um script pré-produzido.

### **1.3 Diálogos: a realização das entrevistas**

A partir do momento em que recebi a validação do CEP para prosseguir com a pesquisa, entrei em contato com o grupo Nação Maracambuco e informei-os da aprovação. Como o período letivo iria até o 10/05/2024, não tínhamos tempo hábil para realizar as entrevistas e prosseguir com a escrita e apresentação desta como TCC no semestre 2023.2. Dessa maneira, considerando o período de recesso, agendei as conversas com o grupo para o período entre agosto e setembro de 2024.

A utilização dos nomes dos três participantes foi autorizada, uma vez que eles entendem que a divulgação dessa informação não acarreta nenhum tipo de perigo, bem como pode trazer retorno relacionado à divulgação do trabalho do grupo.

Nilo, fundador, mestre, presidente, cantor e figurinista do Maracambuco, é uma pessoa sorridente, simpática e expressiva, o que tornou nossa conversa bastante agradável, fluida e informativa. Carine, no grupo desde o início dos anos 2000, é a responsável por toda a parte administrativa e logística do grupo, é uma mulher com opiniões seguras e contundentes, nossas conversas foram muito proveitosas e consegui diversas informações. Valdemir ou, como vamos tratá-lo neste estudo, Mimi é o contramestre do grupo, aquele que comanda os batuqueiras, e tem uma história fascinante. Ele contou sua experiência dentro do Maracambuco.

Na primeira semana de setembro entrei em contato com Carine e Nilo para podermos agendar nossa primeira conversa ‘oficial’, isto é, realizada como uma entrevista sistemática, apoiada no roteiro de perguntas e gravada para que as informações fossem registradas com precisão. A proposta era que eu realizasse uma visita à sede do grupo em Olinda, no entanto não conseguiria realizar a viagem até Olinda naquele momento e também, por motivos de agenda, não seria possível reunir alguns integrantes para realizar a conversa.

Considerando isso, decidimos realizar o diálogo remotamente. No dia 12/08/2024, a partir das 16h, eu e Nilo conversamos pelo Meet - plataforma do Google para reuniões on-line - por cerca de 1 hora e 30 minutos. Durante esse trâmite, cheguei a me questionar se realizar todas as conversas on-line seria proveitoso como se fosse em pessoa. No entanto, identifica-se que apesar de tradicionalmente entrevistas presenciais serem superiores, conversas online também permitem acessar percepções e coletar informações ricas, na forma de linguagem corporal, e garantem uma comunicação eficiente (Rettie. 2009, p.422 *apud* Pinheiro Minillo. 2023, p.27).

Retomei a explicação da pesquisa que já havia mencionado anteriormente para obter anuência durante o planejamento da pesquisa e submissão ao Conselho de Ética em Pesquisa, e conversamos sobre o dia a dia do grupo e as suas ligações com o internacional. Durante a conversa, relembramos alguns fatos que já passamos juntos no Maracambuco.

Após esse momento, consideramos que seria interessante realizar uma conversa com outros integrantes do grupo, e cheguei a comentar que gostaria de me reunir com 3 ou 4 participantes quando pudesse ir até Olinda realizar essa conversa pessoalmente. No entanto, não foi possível realizar a conversa com todos. Nilo convidou Mimi, contra-mestre do maracatu, e realizamos uma roda de conversa entre nós três. Antes de iniciarmos, Nilo comentou que Mimi era um pouco tímido e que talvez eu devesse deixá-lo mais solto, mas para a nossa surpresa ele não se mostrou nada acanhado, conversando abertamente sobre vários assuntos e se sentindo bastante à vontade. A esse fato, devo destacar que utilizar o método da entrevista compreensiva, bem como estar na sede do Maracambuco, lugar que o contra-mestre frequenta a mais de 15 anos, e se sente confortável, podem ter ajudado o mesmo a se sentir à vontade.

*Eu aqui no Maracatu comecei como batuqueiro e agora o meu padrinho, que é MarcioNilo, me deu o título de contra mestre. Contramestre é a gente ser alguém de frente, que vai organizar a batucada [...] (Mimi)*

A roda de conversa foi realizada na sede do grupo e durou cerca de 1 hora e 45 minutos e passamos por temas sobre a história de Mimi no maracatu, suas conquistas dentro do grupo, o seu papel, bem como o papel do grupo e de Nilo na sua trajetória de vida. Durante todo esse tempo, ele esteve bastante atento às falas de Nilo e sempre que tinha algo a dizer, acrescentou, trazendo o seu olhar sobre aquelas situações. Ele me contou um pouco sobre o seu carnaval e também a sua visão sobre a importância do internacional no Maracambuco.

Pela tarde realizei a conversa com Carine, responsável pela parte administrativa do grupo. O tema dessa conversa já foi voltado para a parte mais administrativa de se manter um grupo de cultura popular. A princípio ela se mostrou um pouco acanhada em dar a entrevista, mas quando começamos a falar ela ‘se soltou’. O mesmo argumento de método pode ser utilizado aqui. Conversamos por cerca de 30 minutos e encerrei o dia convidando-os a assistir a defesa do TCC.

Também realizei a gravação das conversas, com o consentimento dos entrevistados, bem como a extensão TacTic para uma transcrição rápida. Apesar disso, realizei a sua correção quando necessário, fazendo essa comparação entre transcrição automática e gravação da conversa. Como motivo de querer repassar o material mais fiel e captar a essência da conversa, escolhi manter a maneira como os entrevistados falam.

Tabela 03: Cronograma das entrevistas.

| Data da Entrevista | Entrevistado | Formato  |
|--------------------|--------------|--|
| 12/08/2024         | Nilo         | Entrevista on-line via Meet, gravada via app de gravação e transcrita a partir da extensão TacTiq          |
| 03/09/2024         | Mimi e Nilo  | Entrevista presencial no Maracambuco, gravada via app de gravação e transcrita a partir da extensão TacTiq |
| 03/09/2024         | Carine       | Entrevista presencial no Maracambuco, gravada via app de gravação e transcrita a partir da extensão TacTiq |

Fonte: Autoria Própria, 2024

## **2. MARCO CONCEITUAL**

Neste capítulo, serão abordados temas fundamentais para a compreensão do contexto desta pesquisa. Início com uma reflexão sobre o conceito de cultura, suas definições e implicações, para, em seguida, debater acerca da cultura brasileira, marcada pela diversidade e pela influência de diversas tradições.

### **2.1 Conceituação de Cultura**

Ao se falar em cultura, vale se atentar às suas significações, deixando evidente que essa palavra diz respeito a um conceito que é dinâmico, que se transforma com o passar do tempo e que está intimamente relacionado à noção de memória e identidade descritas até aqui. Para Bauman (2012), a cultura está sempre em transformação e, portanto, seu significado também muda continuamente.

Ademais, o termo também pode ser empregado em muitas ocasiões, como para indicar certo grau de conhecimento e instrução de um indivíduo, ou seja, quando dizemos que uma determinada pessoa é culta, quer dizer que ela é dotada de muito conhecimento. Isso, durante muito tempo, foi utilizado como maneira de identificar determinadas culturas como superiores, destratando as que não eram o padrão eurocêntrico.

É necessário compreender as mais diversas interpretações do que é cultura, para salientar a importância de uma abordagem qualitativa e interpretativa ao abordar a temática. Para este trabalho, nos debruçamos sobre o sentido antropológico/social do termo, uma vez que para a área, ela tem um significado amplo.

Dessa forma, como podemos interpretar o que é cultura? Pode-se tratar como as práticas passadas entre gerações que continuam vivas a partir de sua manifestação. Ela está presente em todas as comunidades, civilizações e estados do mundo, e por isso cabe afirmar que se trata de um fenômeno humano universal.

Nesse sentido, cultura pode ser tratada como uma herança dos nossos antepassados e que um dia serão passadas para as próximas gerações, embora essas tradições/manifestações sejam diferentes de uma sociedade para outra. Além disso, ela engloba diversos aspectos, incluindo a linguagem, os costumes, as danças, nossas receitas de família, a literatura, a religião, as vestimentas, instituições, rituais, festividades, enfim, uma infinidade de outras coisas. Tudo isso é influenciado por questões geográficas, históricas, econômicas, ambientais

e principalmente por questões sociais. Essa multidimensionalidade é um elemento que se destacou nessa pesquisa, como será discutido no próximo capítulo, a atuação do Nação Maracambuco reverbera em áreas diversas.

Desde o início do século XX antropólogos, sociólogos e estudiosos da área têm se empenhado em achar uma definição universalista a cultura. Algo dificultado principalmente pelo seu caráter não estático e heterogêneo. De acordo com Marconi e Presotto (2010) existem mais de 160 definições de cultura, no entanto, ainda hoje não há uma concordância geral da comunidade científica. Além disso, ainda segundo os autores, discute-se a materialidade dentro da cultura, pois há “os que consideram como cultura apenas os objetos imateriais, enquanto que outros, ao contrário, aquilo que se refere ao material”. Também encontram-se estudiosos que entendem por cultura tanto as coisas materiais quanto as não-materiais.

Um dos primeiros a se debruçar sobre essa questão foi Edward B. Tylor, em seu livro *Primitive Culture* (1871), em que define cultura como “todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade” (1871, *apud* Kahn, 1975, p.29). Esse conceito predominou o campo antropológico durante muito tempo. Para Linton, o conceito de cultura é expressado através da “soma de ideias, reações emocionais condicionadas a padrões de comportamento habitual” (1965, p.365). Dessa forma, Linton reitera o pensamento de uma determinada “herança social total da humanidade” (1965, p.96).

De acordo com Kroeber & Kluckhohn, em *Culture: a critical review of concepts and definitions* (1952), referem-se à cultura como “uma abstração do comportamento concreto, mas em si própria não é comportamento” (1952, p.19). Assim como eles, introduzem a ideia da cultura como forma abstrata de organização. Já Herskovits descreve cultura como “parte do ambiente feita pelo ser humano” (1963, p.31) - esse é, inclusive, um dos conceitos mais curtos relacionados à cultura.

Nesse escopo teórico que entende a cultura como uma abstração, Beals e Hoijer afirmam que “a cultura é uma abstração do comportamento e não deve ser confundida com os atos do comportamento ou com os artefatos materiais [...]” (1969, p.265). Já para Keesing, cultura é entendido como “comportamento cultivado, ou seja, a totalidade da experiência adquirida e acumulada pelo homem e transmitida socialmente, ou ainda, o comportamento adquirido por aprendizado social” (1961, p.49).

Michel Foucault (1987) traz em várias de suas obras a ideia de que cultura é algo em constante movimento e que, a partir de um sistema de hábitos, discursos e relações de poder, formam e conduzem a vida em sociedade. Nesse sentido, ele enfatiza como a cultura é um instrumento inerente às estruturas e relações de poder. Além disso, ele contesta a noção tradicional - conjunto de valores e conhecimentos superiores e legítimos.

Em consonância, Stuart Hall (2016) aborda a cultura como um processo dinâmico em que há mudanças constantes. Ele argumenta que o campo da cultura também é um reflexo das lutas existentes na sociedade, refletindo a disputa entre os grupos, com o intuito de produzir e controlar a narrativa, com significados e resultados dos seus interesses.

Esses pensamentos, transpostos às relações internacionais nos ajudam a traçar paralelos entre o que acontece no cenário interno de cada estado e como é transportado para as relações dentro do Sistema Internacional (S.I.). Maior fórum intergovernamental, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece a importância cultural, tanto nas dimensões, quanto nas estruturas da vida em sociedade.

A UNESCO é uma das agências da dentro do sistema ONU. Fundada em 1945 tem como finalidade a preservação do patrimônio cultural, além de promover a sua diversidade e proteger os direitos culturais e incentivar a criatividade e expressão cultural. A Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural de 2001, reconhece o importante papel da cultura para a construção da paz, desenvolvimento sustentável, cooperação internacional e diálogo intercultural. Em seu texto, a UNESCO reafirma o conceito de cultura já estabelecido no sistema ONU, em que:

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2002).

Além da UNESCO, o sistema ONU também se debruça sobre os aspectos culturais em conexão com o projeto de desenvolvimento. No âmbito da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), enxergam a cultura como um mobilizador transversal presente nos aspectos do desenvolvimento sustentável. No ODS 4, Educação de qualidade, em seu objetivo 7, pontua:

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ONU BRASIL, 2023).

A importância dada à cultura pela maior organização internacional, reconhece-a como primordial ao desenvolvimento humano, demonstra a relevância deste aspecto da vida humana para as relações internacionais. Dessa forma, a valorização da diversidade cultural, bem como o respeito às diferentes manifestações culturais, são pontos-chave para promover uma sociedade mais justa, pacífica e inclusiva - objetivos da ONU.

## **2.2 Cultura popular Brasileira**

A cultura é um elemento fundamental da sociedade brasileira. Nossas expressões culturais estão enraizadas no nosso cotidiano, nas nossas interações sociais e na nossa coletividade enquanto sociedade. Marcada pela diversidade, a cultura popular brasileira é um vasto campo que inclui música, dança, festas populares, culinária, religiosidade, folclore, artesanato e mais. Na formação de uma cultura, cada traço é desenvolvido de elementos culturais já existentes anteriormente e mesmo que pareçam algo totalmente novo, podemos identificá-los em diferentes origens (Marconi e Presotto, 2010, p. 33). No caso brasileiro, nossa herança cultural, advém de Portugal, algumas regiões da África, outras partes da Europa, a cultura indígena, além de outras localidades.

Como ponto de partida para este trabalho, será levado em consideração a cultura popular da cidade de Olinda/PE, mais especificamente, a cultura popular que surge do contexto carnavalesco municipal e do Maracatu.

Para compreendermos a cultura do carnaval da cidade de Olinda, ou qualquer outra festa popular brasileira, precisamos nos debruçar sobre os complexos culturais. De acordo com Marconi e Presotto (2010), complexos culturais consistem “no conjunto de traços ou num grupo de traços associados, formando um todo funcional; ou ainda um grupo de características culturais interligadas, encontrado em uma área cultural” (p.34). Dessa forma, esse complexo abarca todos os aspectos relacionados com o festejo/traço cultural. Cada cultura compreende um variado número de complexos. Além disso, cada complexo é “um

sistema interligado, independente e harmônico, organizado em torno de um foco de interesse central” (Marconi e Presotto, 2010, p.34). Dado o exposto, o carnaval olindense reúne um conjunto de traços e elementos correlacionados entre si, que são os bonecos gigantes, orquestras e passistas de frevo, maracatus, calungas, caboclos de lança, milhares de blocos, troças carnavalescas e muita folia.

De acordo com Hollanda (2013), há hoje um crescente interesse do campo dos estudos organizacionais sobre os diferentes carnavais brasileiro. Isso se deve, ainda de acordo com Hollanda (2013), pois as festividades denotam importância para o entendimento das interações do Estado, mercado e sociedade, mas também entre “cultura e a política, a mídia e o poder público, o lúdico e o comercial, a indústria cultural e a arte popular, o turismo e o patrimônio cultural, numa palavra, o público e o privado no Brasil de hoje” (2013, p.100).

### **2.3 Maracatu: definições**

O objetivo nesta seção é apresentar o que se entende por maracatu. Com ênfase nos Maracatus pernambucanos, apresento traços do seu surgimento, bem como suas diversas formas de expressão .

#### **2.3.1 Maracatu: surgimento e história**

Assim como outras manifestações, o maracatu surgiu como uma maneira de resistência dos povos escravizados e pode ser entendido como uma maneira de preservação da herança africana diante da repressão e submissão cultural imposta a essas nações escravizadas no Brasil.

De maneira geral, podemos definir maracatu como uma manifestação cultural brasileira que possui vários elementos musicais, teatrais, religiosos e de dança. Arraigado nas tradições africanas, o maracatu surgiu, de acordo com Aidar (2024), no século XVIII, no estado de Pernambuco, no território que hoje são as cidades de Recife, Olinda e Igarassu. Também há vestígios de que o primeiro registro de um maracatu data de 1674 (Maracatuteca, s/d). Ainda de acordo com Aidar (2024), suas origens “são incertas, mas relacionam-se com o candomblé e com a coroação dos reis do Congo”.

Essa coroação foi uma “prática implantada no Brasil supostamente pelos colonizadores portugueses e por consequência permitida e difundida pelos senhores de

escravos.” (Maracatu.org, s/d, 1). Assim, os escolhidos como Rei e Rainha desempenhavam um papel de intermediação entre o poder colonial e os homens e mulheres de origem africana.

Com a abolição da escravatura, o maracatu foi inserido aos festejos carnavalescos recifenses, ganhando mais adeptos, mas não sem enfrentar preconceitos. Estes, motivados principalmente pela sua ligação com religiosidades de origem africana.

O termo “maracatu”, utilizado pelos senhores para significar “confusão, bagunça” dos escravos, era utilizado pelos últimos como senha para comunicar aos outros da chegada dos policiais para reprimir suas festas. Os tambores propagavam a mensagem (Cultura PE, s/d).

Essa conexão com as raízes africanas fez com que enfrentassem desvalorização e preconceito ao longo da história. Após um longo período de decadência dos maracatus de Pernambuco ao longo do século XX, a década de 1990 testemunhou o que podemos chamar de "Boom do Maracatu". A visibilidade sem precedentes foi resultado de várias iniciativas, incluindo a atuação do Movimento Negro Unificado (MNU) em parceria com a Nação Leão Coroado, uma das nações mais tradicionais de Recife (Maracatu.org, s/d, 2). Além disso, o movimento Mangue Beat, com figuras icônicas como Chico Science, desempenharam papéis significativos. O grupo Nação Pernambuco também se destacou ao desvincular a música e a dança do Maracatu de sua dimensão religiosa. Nesse cenário, o Maracatu de Baque Virado ultrapassou os limites de Recife, alcançando diversos lugares no Brasil e no mundo. Atualmente, existem grupos percussivos que incorporam elementos da Cultura do Maracatu Nação em quase todos os estados brasileiros e em países como Canadá, Inglaterra, França, Estados Unidos, Japão, Escócia, Alemanha, Espanha, entre outros (Maracatu.org, s/d, 2).

Grande nome no estudo de Maracatus, César Guerra Peixe (1914-1993) foi um dos responsáveis pela categorização dos tipos de maracatus existentes no estado de Pernambuco. Em sua obra *Maracatus do Recife (1955)*, ele apresentou e distinguiu em dois tipos: o Maracatu Nação e o Maracatu Rural. Há hoje, além dos categorizados pelo autor, diversos outros tipos de maracatus, que combinam os elementos existentes com outros externos. De acordo com Oliveira, “a distinção entre os dois é feita com base no ritmo, instrumentos, indumentárias, personagens e localização geográfica, rural ou urbana” (p.11, 2011).

### 2.3.2 Maracatu Nação - Origem e definições

A história de origem do Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado se confunde com o próprio surgimento do maracatu em si. Isto se deve ao fato de esta ser a manifestação que deu origem aos diversos tipos de maracatu. Além disso, devemos ter em mente que toda manifestação cultural é feita em determinado contexto histórico, e para o caso dos Maracatus nação, devemos sempre referenciar este contexto.

Podemos caracterizar um Maracatu Nação a partir de alguns elementos, como o cortejo real realizado juntamente a um grupo percussivo. Como destacado no Portal de Cultura pernambucana, que traz:

A corte é composta por um conjunto de personagens que podem apresentar variações de acordo com a Nação, no entanto todas trazem as figuras da Rainha e do Rei, a Dama do Paço responsável por carregar a Calunga e o Porta-Estandarte responsável por carregar o estandarte ou pavilhão (Maracatu.org, s/d, 3).

O cortejo é conduzido pelo porta-estandarte, normalmente trajado como Luís XV, levando o estandarte em que traz a informação do nome da nação e sua data de fundação. Em seguida, temos o casal real, Rei e Rainha, representando a realeza, protegidos por um pálio e ladeado por soldados romanos e pajens que conduzem os abanos. Além deles, o príncipe e a princesa fazem parte da nobreza na corteja.

Temos também as damas do paço que vêm empunhando as Calungas, de acordo com Ferreira, “esculturas sagradas, feitas em grande maioria de madeira, são objetos que articulam a comunicação entre os mundos”(p.6, 2020). As Calungas são representações de orixás e é um dos principais elementos que diferenciam o Maracatu Nação. Como comenta Marcionilo, mestre do Maracambuco, as Nações são guiadas pelo princípio espiritual, ligados a um terreiro, que pode ser de diferentes direções religiosas e essa ligação é personificada na calunga, “comportando os fundamentos espirituais que protegem o grupo”

Além desses personagens, temos as baianas, que podem ser ricas ou pobres; caboclos de pena, conde, condessa, duque, duquesa, marquês, soldados romanos e pajens, além de lanceiros. Dessa forma, Costa traz que o Maracatu é “um cortejo régio, que desfila com toda a sua solenidade inerente à realeza, e revestido, portanto, de galas e opulência.” (p.215, 1974).

Por fim vem o grupo percussionista, formado pelos batuqueiros e liderado pelo seu mestre. Eles trazem sonoridade a partir de instrumentos como as alfaias (tambores grandes tocados com baquetas), abês, caixas, gonguê e atabaques. Dessa forma, os integrantes do grupo criam o ritmo necessário para o desfile.

### 2.3.3 Maracatu Rural - Origens e Definições

Também conhecido como Maracatu de Baque Solto, esse tipo de manifestação é típica da Zona da Mata pernambucana e sua origem data entre os séculos XIX e XX. Também possui batuqueiros e um grupo de personagens, no entanto são completamente diferentes dos Maracatus Nação.

Ao contrário do maracatu nação, o maracatu rural possui uma estrutura mais flexível, com menor rigidez quanto aos instrumentos e ao ritmo. Além disso, as roupas dos participantes são diferentes, sendo mais simples e assemelham-se às vestimentas dos trabalhadores rurais.

O cortejo desfila em um círculo compacto, tendo ao centro o estandarte rodeado por baianas, damas-de-buquê com ramos de flores de goma, a calunga (boneca de pano ou plástico) e os caboclos de pena. Esse primeiro círculo é rodeado pelos caboclos de lança, que se encarregam de abrir espaço na multidão com saltos e piruetas, manejando suas lanças (Cultura PE, s/d).

A parte musical inclui um conjunto de metais, como clarinete, saxofone, trombone, corneta ou pistom, além de uma percussão composta geralmente por tarol ou caixa, surdo, ganzá, chocalhos, porca (cuíca), zabumba e gonguê. O ritmo é mais rápido do que no Maracatu Nação e o coro é exclusivamente feminino.

### 3. DISCUSSÃO

Neste capítulo apresento os frutos da observação participante e das entrevistas realizadas com os membros do grupo. Destaco e discuto temas e questões relevantes para o grupo que emergiram de forma recorrente nessas interações. Para apoiar as discussões trouxe trechos das entrevistas assim como fotografias. Também explicito meu lugar de fala apresentando minha história com o Maracambuco.

A seleção dos temas discutidos foi feita considerando como emergiram de forma e recorrente nas interações. Destacaram-se como elementos que conectam ao internacional, para além do turismo, questões sociais, culturais e religiosas, assim como as relações com o Estado e a consolidação do Maracambuco como instituição. São temas que podem ser identificados neste trecho de entrevista com um dos fundadores do Maracambuco, Marcionilo - mais conhecido como Nilo do Maracambuco, personalidade importante no cenário cultural pernambucano e cuja história se confunde com aquela do Maracambuco.

*Bom, para começar tenho que falar da minha história de vida, que começa lá em Jaboatão dos Guararapes. Quando saí em 1985, eu vim morar em Olinda, morei no beco do pavão. Era um sofrimento muito grande, e eu digo isso a todo mundo, porque eu continuo mantendo meus pés no chão, pois eu sei de onde vim. Quando eu saí de Jaboatão dos Guararapes, eu saí por causa de uma enchente, que quando chovia, ficava só os telhados do lado de fora. Eu vim para Olinda e a primeira coisa que me apaixonei foi pelo patrimônio da cidade, que pelo amor de Deus, né? Se agora tem evidência, lá atrás era o que ele mais tinha. E comecei a ver as causas e me preocupar. Eu sempre achei que eu tinha uma responsabilidade social, sempre me preocupei com isso de querer ajudar o próximo. Mas para chegar ao Maracatu tinha que chegar ao lado espiritual da coisa, né? Que é onde entra a parte religiosa do Maracatu. Em 1989, eu conheci o pessoal do Nação Pernambuco, que era uma inovação dos Maracatu usou o ritmo do Maracatu evidenciou maracatus que eram esquecidos, né? E daí pronto, daí começou aquela história de paixão à primeira vista, né? E em 93 fundei o Maracambuco porque eu queria andar com minhas próprias pernas e queria um projeto, um grupo fosse diferencial trabalhasse como projeto social onde ele é inserido que é dentro do bairro de peixinhos. E para mim foi... eu acredito muito na divindade, primeiramente Deus, porque para chegar onde a gente chegou a história começou muito alavancada, você vê tanto é que em 93, 94, 95, 96 e 97, a gente conseguiu fazer o Maracambuco chegar em evidência. Já nos anos 2000 estávamos em Salvador, muitas vezes até trabalhando junto com a totalmente a estrutura física do Maracatu em si. Que antigamente eram feiras de ciências, abertura de jogos era mas era mais nesse contexto, entendeu? Hoje o Maracambuco é uma proporção, achei até assustador pela idade. Pela idade do grupo (Nilo).*

### 3.1 Santos, Rainhas e Leões: a história do Nação Maracambuco

*“Maracambuco chegou, Cheio de emoção  
Orgulho de Peixinhos, Da cultura e da nossa Nação”.*  
(Trecho da Música *“Queria que você soubesse”* do Maracambuco)

Fundado em 09 de junho de 1993, o Maracambuco se destaca hoje como um dos grupos mais bem quistos e de sucesso da cultura popular olindense. Sua missão é “divulgar, preservar e promover a cultura pernambucana, em especial o Maracatu de baque virado, utilizando a cultura como ferramenta de transformação social e atividade turística” (Maracambuco, 2022). Entre suas atividades, além das tradicionais participações no Carnaval de Olinda, estão a oferta de oficinas semanais de percussão e dança para os jovens da comunidade local, apresentações culturais ao público, participação em festivais e eventos, além de outros projetos culturais.

Figura 02: Organograma Atividades Maracambuco



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

A sede do grupo fica na Av. Presidente Kennedy, cerca de 2 km de distância da Prefeitura Municipal de Olinda. Embora essa distância seja geograficamente pequena, a comunidade não é bem assistida pelo poder público.

Por meio de atividades culturais, existe o desenvolvimento de ações de assistência social na comunidade onde o grupo está inserido. Assim, promovem a transformação por

meio da arte e da cultura popular, apontada pelo grupo como principal ferramenta para resgatar e valorizar o ser humano.

“Além das apresentações, o Maracambuco também oferece diversos serviços em sua sede, na Avenida Presidente Kennedy, como oficinas, elaboração de currículos, retirada de documentos, encaminhamentos para cursos e vagas de emprego.” (Carvalho, 2023)

*E até hoje, eu to num emprego, e aí fui tocar numa apresentação no FIG, e meu patrão viu eu tocando, na televisão, e disse “qualquer dia eu vou trazer o seu maracatu para cá”. Eu trabalho em Boa Viagem. Ele disse que ia trazer o grupo porque gostou muito. Disse que pensava que era uma coisa, mas é outra (Mimi).*

Através desses projetos e da trajetória cultural na cidade, o Maracambuco já participou de diversos eventos e manifestações culturais nos mais diferentes lugares. Como a citação acima demonstra, sua atuação ocorre em outros locais para além de Olinda. O grupo também atingiu públicos mais amplos graças à sua participação em mídias. Entre eles estão participações em novelas (Duas Caras - 2007), no Festival Latino Americano e Africano de artes e Cultura de Brasília em 2012, na Marcha da Consciência Negra no evento Cena Brasil 2016 e apresentações em diversas cidades do Brasil como Fortaleza/CE, Salvador/BA e João Pessoa/PB.

Fruto desse trabalho o grupo conquistou alguns prêmios: Presidente do Maracambuco recebeu o Título de Cidadão de Olinda em 2007; Maracambuco ganhou o Prêmio de Cultura Popular/MINC em 2007; Presidente do Maracambuco ganhou a Medalha Aloísio Magalhães, maior condecoração de Olinda em 2013; Maracambuco ganhou o Troféu Cabeça de Galo em 2013, pelo seu show de palco, “Santos, Rainhas e Leões”, que comemorava 20 anos do grupo; o Maracambuco ganhou a Medalha Ordem do Mérito Cultural 2013 concedido pela Presidência da República junto com o Ministério da Cultura. Em 2014 o Maracambuco foi um dos homenageados do Carnaval da Cidade de Olinda e recebeu pela segunda vez o Troféu Cabeça de Galo 2014 pelo Melhor Show de Palco de Maracatu. Em 2015 recebeu o Troféu Abebé de Prata Mãe Dadá e pela terceira vez o Troféu Cabeça de Galo pelo melhor show de palco de maracatu de Olinda. Em 2016 ganhou pela 4ª vez o prêmio Cabeça de Galo e em 2017 pela quinta vez. Foi habilitado no Concurso de Registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco 2017 e 2018.

Figura 03: Desfile Maracambuco



Fonte: Acervo do Maracambuco, 2017

Durante o período da pandemia suspendeu seus ensaios e serviu como ponto de apoio para os seus integrantes e pessoas da comunidade realizarem os cadastros dos auxílios oferecidos pelo governo. Apesar da normalização das atividades pós-pandemia, hoje o grupo ainda não voltou a realizar os seus ensaios semanalmente, como acontecia anteriormente. Nilo falou um pouco sobre isso na entrevista que me concedeu:

*Antigamente eu fazia o ensaio na frente ou do lado da sede e vinha turista, tinha policiamento, mas hoje não existe mais isso. Então quando o sistema não trabalha junto, porque a política social não parte só de mim. Ela tem que partir desse sistema porque a minha intervenção é mais pesada do que a do próprio sistema. O sistema cria um projeto, bota o projeto na rua, paga os meninos para fazer um curso de computação e acaba! Já o Maracatu não. Ele sempre precisa daquele produto. Então como é que eu vou saber que fulaninho vai estar? Como é que vai estar a mente daquele menino para o próximo carnaval? Ai existe esse processo. Você pôde perceber que nesse período todo para cá a gente fez várias apresentações e a qualidade melhorou e por que melhorou? Porque criou a doutrina, então o menino mal entra e ele já aprende pela logística que foi preparada (Nilo).*

A história do grupo, embora tenha pouco mais de três décadas, é um exemplo da importância da continuidade e do compromisso com a cultura local. O grupo tem preservado as suas tradições e se destaca como um agente de transformação cultural. Essa trajetória não apenas reflete o sucesso em visibilidade e reconhecimento, mas também a capacidade de adaptação às mudanças sociais e culturais, mostrando que é possível construir um legado duradouro e promover uma conexão significativa entre a cultura e a sociedade.

“Quanta coisa conquistada levando o poder da cultura periférica aos quatro cantos... Algumas perdas, mas que fortaleceram a necessidade de fazer a diferença de cada um dos que fazem parte da Família Maracambuco.”(Maracambuco, 2022)

### 3.2 Minha Relação com o Maracambuco

Minha relação com o Maracambuco é extensa e posso dizer que começou desde muito cedo, visto que a sede do grupo é no andar térreo da casa de minhas primas, Carine e Camila. Dessa forma, possuo trânsito fácil entre seus participantes e gestores - Carine continua na gestão do grupo - e assim que conversei sobre a intenção de escrever sobre eles, mesmo sem dar tantos detalhes (até porque o problema de pesquisa ainda estava em construção) se mostraram solícitos e dispostos a participar.

Era comum que durante minhas visitas, que eu estivesse lá embaixo, conversando com integrantes, vendo os ensaios e até mesmo ajudando-os a organizar algum detalhe para as apresentações. Já participei da equipe de apoio em alguns cortejos do grupo, já fui fotógrafo em apresentações, participei de ensaios e acompanhei-os em shows, e isso não apenas no carnaval.

Figura 04: Apresentação no pré-carnaval de Olinda.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Estar lá, para mim, sempre foi estimulante e havia algo novo para descobrir. Por isso, em todas as minhas férias, dos 10 aos 16 anos, sempre tentei incluir minha chegada na casa da tia Lulu, mãe de Carine e Camila, para as quintas-feiras, dia de ensaio do grupo. Esses ensaios aconteciam na parte de fora da sede e sempre reuniam outras pessoas que iam acompanhar e curtir um pouco do batuque feito.

Em um desses dias em que estava lá, Nilo e Carine receberam a notícia de que havia saído uma matéria sobre o Maracambuco na *Lonely Planet*, a maior editora de guias de viagem do mundo, e ver o quanto ficaram felizes pela publicação me marcou. Esse conteúdo intitulado “Nos ritmos de Olinda”, trazia como o grupo levava sua alegria e sua música a um dos maiores carnavais do mundo.

*Perlyson - Lembro de umas férias em que eu estava por aí e vocês até participaram de uma matéria para uma revista internacional, né isso? Lembro que saímos para comemorar depois da publicação..*

*Nilo - Isso! Foi na Lonely Planet, numa matéria sobre os ritmos do carnaval daqui. Além disso, também fomos habilitados pela Secretaria de turismo de Pernambuco, como iniciativa de trabalho diretamente com os turistas, não inseri-los no grupo, mas trabalhando no grupo com o turismo e a cultura. Turismo tem que andar junto com a cultura e a gente acredita muito nisso! Porque assim, quando o turista vem, ele vem para ver um patrimônio material e imaterial do Estado. Muito se fala do material, entendeu? Aquele que é palpável, a igreja, os casarões... mas não fala do terceiro setor, que é a gente. Nós trabalhamos também diretamente com turismo. O turista quando vem o carnaval ele quer ver o maracatu e vem também conhecer os projetos sociais. (Nilo)*

Outra memória, envolvendo momentos como este, foi a nossa visita - eu, Carine e Nilo - a uma Olinda noturna e fora do período de Carnaval, em 2012. Diferente da que conheci alguns anos antes, além do sol e da agitação e lotação comum dos dias de festa, a cidade também tinha calma e tranquilidade, mas sua beleza, riqueza e exuberância estavam ali, prontas para serem admiradas.

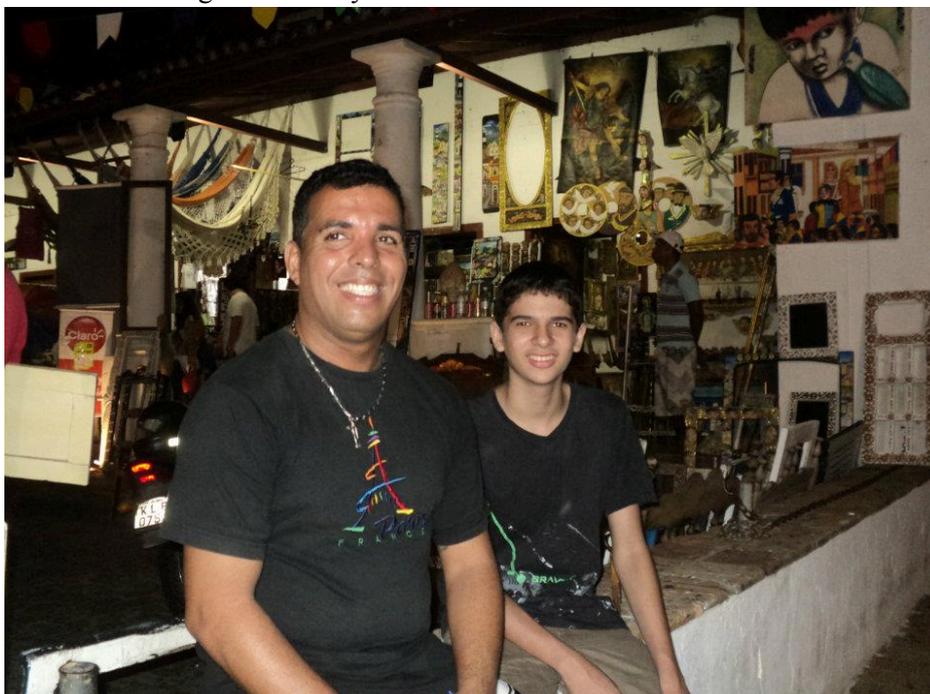
Ao caminhar por aquelas ruas da cidade histórica, os dois me apresentaram vários pontos, como o Palácio dos Governadores, atual sede da Prefeitura Municipal da cidade que foi construído no século XVII; a Igreja e Mosteiro de São Bento; o Mercado da Ribeira, construído por volta de 1690 e que serviu como mercado público da cidade, mas que atualmente é um espaço importante para a cultura local, sendo inclusive ponto de encontro e saída de alguns blocos de Carnaval.

Figura 05: Perlyson e Nilo em frente a sede da Prefeitura Municipal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Figura 06: Perlyson e Nilo no Mercado da Ribeira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Após nosso ‘turismo’, fomos ao Mercado Eufrásio Barbosa, onde funciona um centro cultural com mais de 6 mil m<sup>2</sup>, no coração da cidade. Em uma de suas salas, haveria naquela noite uma reunião da Associação dos Maracatus de Olinda, os representantes discutiram como se daria a comemoração do dia do Maracatu daquele ano.

Com o passar dos anos, vi e conheci diversas pessoas que passaram pelo grupo e que tiveram ali o contato com o maracatu. Isso sempre era repassado ao público das apresentações e me faz lembrar de um cortejo nas ladeiras de Olinda, durante um pré-carnaval, em que as pessoas ficaram tão empolgados em assistir, que mal conseguimos realizar o desfile de fato - em alguns momentos foi necessário ficar em fila indiana para passarmos no meio da multidão.

Mas acho que um dos momentos mais emblemáticos, e até Nilo comentou na nossa conversa, foi a primeira apresentação no Carvalheira na Ladeira, um importante camarote e circuito de shows durante o carnaval. Naquele ano atuei como fotógrafo nessa apresentação, infelizmente não conseguimos recuperar os registros para este trabalho, mas lembro que havia uma grande expectativa entre todos que estavam indo se apresentar, pois era um lugar em que normalmente não há espaço para um grupo de cultura popular.

*Porque o produto está aqui, são eles, então temos que estar conectados, e esse é o sistema, porque você sabe a Carvalheira na Ladeira, o top que é, e ir se apresentar lá é ir botar esse produto lá dentro, então temos que ter muito cuidado com o que está se fazendo, pois erro desmorona tudo [...] São duas apresentações pesadas aqui, que eu digo, é a Noite dos Tambores Silenciosos e a Carvalheira na Ladeira. Porque os tambores silenciosos é numa área em que o índice de drogas é imenso à noite e a Carvalheira pela questão da etnia do tipo de pessoa que tem lá e a diferença entre o que a gente tá indo. Lá então, eu tenho que mostrar que “vocês são melhores, vocês são artistas, vocês tem que estar aqui mesmo, porque vocês são bons”. Os meus meninos são tratados como artistas, eu olho para eles e quando eu vejo eles pequeninhos, aí eu engulo eles, “porque você tem que ser grande, os leões do Norte aqui são vocês! Vocês pertencem a esse lugar também.” Por isso que estamos a tanto tempo fazendo essas apresentações na Carvalheira (Nilo).*

Além disso, pude apresentar o Maracambuco a amigos que foram comigo ao carnaval. Normalmente ficamos hospedados nos dias de feriado e também acompanhamos uma ou outra apresentação - tentando alinhar os horários de folia. A ideia sempre foi apresentar e quebrar as barreiras existentes entre as pessoas que não conhecem o maracatu. Tenho certeza que todos ficaram maravilhados ao acompanhar os shows, a entender a história e o que o maracatu representa - que Nilo e Carine, pacientemente, sempre estiveram dispostos a explicar.

Figura 07: Apresentação Maracambuco



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

No carnaval deste ano, de última hora, pedi ajuda de Nilo para fazer um estandarte, algo simples para que pudesse brincar no carnaval. Foi só o tempo de subir e pegar alguns materiais, que quando desci ele já tinha desenhado um esboço e até cortado o material que iríamos usar de base.

*Quando eu vou fazer um figurino, eu estou fazendo para eles vestirem. Até quando você trouxe aquela ideia do estandarte eu fiquei doidinho, logo eu que gosto de fazer a coisa perfeita... Eu não vou botar os meus meninos para andarem com qualquer coisa. Eu digo a eles, eles são artistas (Nilo).*

Para além desses detalhes mais concretos como facilidade de contato e também um motivo que se encaixasse ao internacional, eu também queria contar uma história. Não apenas pelo simples fato de relatar, mas também de tê-la vivido. Houve momentos em que estive mais presente e outros mais afastado, mas sinto fazer parte da história do grupo, não mais do que ele faz da minha.

Foi a partir do contato com o Maracambuco, tive a oportunidade de conhecer mais da cultura e das tradições que o envolvem, de lidar com diferentes realidades e perceber a

diferença que um projeto cultural pode fazer na vida de crianças e jovens, que podem ter ali, naquele espaço, uma transformação da sua vida.

Dessa maneira, contar a história de um grupo como o Maracambuco também é dar-lhes obrigado por todo o trabalho social realizado ao longo destes 31 anos em que impactaram a vida de mais de 4 mil pessoas, de acordo com o grupo. Em sua maioria de jovens, que passaram por lá e tiveram a chance de pertencer a um lugar.

### **3.3 Reverberar: O impacto para além dos tambores**

*[...]Porque tem uma ligação com o terreiro, somos um dos fundadores da noite para os tambores silenciosos de Olinda, desde 2000, onde eu sou o diretor de comunicação da Associação dos Maracatus de Olinda. É regido por uma entidade do mar (o Maracambuco), que chama-se Iemanjá e tem aquela calunguinha que tenho o maior cuidado, que fica aqui na minha casa, chama-se Isabel. Foi feita pelo mestre Roberto, falecido do Nação de Luanda, antiga Nação Elefante (Nilo).*

Como destacado, um Maracatu Nação possui conexão com a religião e é uma expressão vibrante da cultura de matriz africana. Infelizmente, essas tradições frequentemente enfrentam preconceito, refletindo um histórico de discriminação que perpassa séculos de colonização e opressão. O Maracatu, enraizado nas práticas religiosas e na cosmologia africana, não é apenas uma forma de arte; é um testemunho da resiliência das comunidades afro-brasileiras.

A diáspora africana no Brasil resultou em uma rica amalgamação cultural, mas também trouxe à tona as dificuldades enfrentadas por aqueles que foram forçados a deixar suas terras. Tradicionalmente, manifestações como o Maracatu emergiram como produtos de resistência e reinvenção, preservando raízes africanas e incorporando elementos locais. Além disso, o Maracatu se alinha a um movimento global que busca valorizar as culturas afrodescendentes, promovendo diálogos em eventos internacionais sobre suas contribuições para a cultura global e combatendo preconceitos.

De acordo com os dados do Ministério dos Direitos Humanos, há cerca de 7 denúncias relacionadas a intolerância religiosa por dia no Disque 100, número disponibilizado para receber denúncias de violações de direitos humanos. Esses dados são relativos aos seis primeiros meses de 2024, quase o mesmo número de denúncias recebidas em 2023, cerca de 1.482. (Clavery, 2024).

No espaço público, a falta de apoio também é um agravante, visto que normalmente são preteridas em face de outras manifestações culturais. De toda forma, o maracatu continua sendo uma importante forma de resistência, identidade e preservação patrimonial para muitas comunidades, que preservam e valorizam suas raízes culturais apesar dos desafios enfrentados.

*[...] Nessa época eu olhava maracatu, mas muita gente dizia “não pow, toca não” e eu sempre ficava balançado.[...] E quando a pessoa não conhece e vê, ela começa a gostar e poxa... muitos falam uma coisa, mas na verdade é outra (Mimi).*

Essa é uma das situações em que, por conta de não entender, pessoas preferem se afastar e também tentam afastar outras pessoas. Há nesse sentido, uma forte ligação com o racismo estrutural, em que práticas culturais ligadas às suas origens africanas são normalmente desconsideradas e inviabilizadas. “Houve época em que eram denunciadas como práticas incivilizadas e estúpidas, indignas de existirem em um Brasil que se queria branco, europeu e civilizado.” (Lima, 2014).

Como forma de lutar contra essa estigmatização e inviabilização, o Maracambuco tem adotado, ao longo de toda a sua história, uma postura de “quebrar barreiras”, desmistificando o preconceito e realizando o trabalho de compartilhar a cultura do Maracambuco com outras pessoas e promover a compreensão e o respeito mútuo.

*[...]Aquele negócio do surfista que eu apoiei e eu digo sempre, para juntar o útil ao agradável para quebrar barreiras. Para se entender, você vê, o surfista era totalmente evangélico, mas trabalhou com a marca do espiritismo, né? E assim eu fico feliz com isso e eu começo a juntar o útil ao agradável. [...] Porque a gente age assim, diferente, porque eu tenho que puxar um menino que tá ali do esporte para conhecer um pouco da cultura do Maracatu e vice-versa, entendeu? É dessa forma que a gente trabalha, é por isso que deu o resultado positivo. [...] Os surfistas chamavam de macumbeiro, hoje eles não chamam, aplaudem, e por quê? Porque na prancha de surf dele está lá a marca do maracatu (Nilo).*

O surfista em questão tratava-se de um jovem da comunidade que precisou de auxílio para uma competição e no levantamento de fundos, o Maracambuco atuou como um dos patrocinadores, viabilizando a sua ida ao campeonato. “A intenção do grupo é unir, cada vez mais, a cultura e o esporte, mostrando para todos que os frutos tendem a ser bem melhores quando existe união entre essas duas vertentes.” (Maracambuco, 2015). Segundo Heller

(1989), os preconceitos são enraizados na crença - não necessariamente religiosa - e por isso se tornam inabaláveis enquanto ainda estão funcionando no dia a dia do indivíduo. Ao interagir dessa maneira com os surfistas, colaborando para o seu crescimento dentro do esporte, o Maracambuco ‘quebrou’ a resistência inicial que existia em se aproximar do grupo e, ao fazê-lo, sua visão começou a mudar, criando um espaço onde as diferenças são celebradas e compreendidas, não temidas.

Ao agir de maneira a integrar e educar, houve uma transformação de preconceitos em oportunidades de aprendizado, fomentando um ambiente mais tolerante e respeitoso. A tolerância não se resume a uma postura passiva que aceita o passado e o presente, trata-se de uma atitude ativa, que envolve antecipar, compreender e incentivar o que se deseja tornar (Lévi-Strauss. 1980, p.97 *apud* Barros. 2007, p.14). Essa é uma lição valiosa para todos nós: o verdadeiro crescimento social e cultural acontece quando nos dispomos a ouvir, aprender e construir juntos, independentemente de nossas origens ou crenças.

*Perlyson: Nilo, lá no início da nossa conversa você fala um pouco sobre a ajuda aos grupos ao redor. Eu lembro de no carnaval a gente estar indo à Olinda e você nos acompanhou porque ia para apoiar um bloco que tava saindo nas ladeiras, um bloco de samba inclusive, nem sei se você conseguiu chegar a tempo e voltar rápido, que no dia o Maracambuco ia fazer uma apresentação.*

*Nilo: Cheguei cheguei! Como a gente tem essa visão diferenciada, tem uns blocos em Olinda que eu gosto de apoiar e acompanhar. E eles me convidam muito, mas eu não gosto muito de ir, o que eu gosto é de apoiar o evento e não ir. Mas eu fui porque insistiram tanto e quando cheguei lá claro, eu vejo a imagem do Maracambuco na marca, né? (Nilo)*

“Cooperar é compartilhar a busca de um propósito entre dois ou mais atores, ou estabelecer relações, trocas e ações, na procura de benefícios em comum.” (Flores e Miguez, 2015. p.108) Aproximando essa discussão ao contexto destacado na fala, podemos perceber que há uma rede de cooperação próxima ao Maracambuco, que usa sua estrutura para mostrar que há um caminho aos demais blocos e grupos (Nilo). Isso fortalece o movimento cultural local o que, conseqüentemente, também ajuda o Maracambuco a ficar em evidência, uma vez que sua marca está presente e ao elevar a cena que está inserido, também ascende. Além disso, também é uma maneira de ajudar a transformar a vida de mais pessoas através da cultura.

*A responsabilidade é grande, mas é como eu digo sempre, ninguém é perfeito. Se você não administrar os meninos, dizendo a eles que a cultura é uma ferramenta de transformação, se você não tiver esse pensamento, você não vai escutar isso que estamos escutando agora. Muitos gostam e muitos não gostam, porque existe regras, porque se deixar avacalhar, como eu vejo aí fora, perder a rédea do que Iemanjá manda - porque a dona desse maracatu é ela e a calunga [...] Não sabemos com que carga eles vão vir, com que tipo de problema eles vão vir, tem meninos que passam do limite e eu não boto ninguém para fora, eu só dou o meu silêncio. Esse que eu der o silêncio ele já sabe que não vai mais continuar, não vai ter futuro. Esse aqui (apontou para Mimi), eu conheço ele, conheço a história dele, conheço a mãe dele e ele viu que só tem esse caminho, de trabalho e de vitória é esse. Hoje ele tem esposa, filho, uma família constituída e vive muito bem. Às vezes as pessoas falam que viver bem é ter o carro do ano e não é, já provei a eles que não é (Nilo).*

Mimi, uma pessoa que teve sua vida transformada pela cultura, contou durante nossa conversa que foi preso em frente a sede do Maracambuco - não conversamos sobre o motivo da prisão - e que foi Nilo quem o ajudou a sair e que lhe deu outra oportunidade. Oportunidade essa que virou uma nova vida. Nilo contou um acontecido em que entrou na penitenciária para ver um dos “seus meninos”. Os impactos positivos da conexão com o grupo de formas que vão muito além do aspecto festivo do carnaval podem ser inferidos ao conhecer que hoje o garoto está formado e trabalhando como advogado.

*O que eu quero dizer é que, 1% de perda pra mim é pior que a qualidade, por que a qualidade conforta. Eu não gosto de elogio, eu gosto de crítica. Ele é meu 1%, se ele tivesse preso ele não taria conversando com você aqui. Eu prefiro ele aqui, contando a narrativa de vitória dele, ter a narrativa dele preso? Não, isso eu não quero aqui. Por isso eu digo antes da pessoa fazer, quando eu vejo que não tem jeito, que vai tombar, aí eu fico dolorido, chorando, esperando minha mãe dizer: é hoje. Quando me levanto, já vem a notícia, fazer o que, né? Aprendo, luto e esperando, vida que segue (Nilo).*

A cultura, quando empregada como catalisador da mudança, transforma. Transforma e expande. Também atua como meio de socialização dentro do grupo, moldando identidades, valores e comportamentos. Ela também desempenha o papel de transmitir normas sociais e oferece um senso de pertencimento. Por meio dessas interações, habilidades são desenvolvidas, sejam elas dentro do maracatu, com seus colegas e mestres, instrumentos e regras ou seja com o público diverso nas apresentações.

*Quando cheguei aqui eu ficava mais na minha por que eu não conhecia muita gente, eu ficava mais calado e na hora de ir para as apresentações eu ficava no meio do ônibus sentadinho sozinho, ficava na minha, só fazia o meu. Ai enquanto o tempo passava, eu conversava com o povo e ia me abrindo também, fui pegando mais amizade com MarcioNilo, ele via que eu queria aquilo ali também (Mimi).*

Outro ponto que merece destaque é as portas que a cultura pode abrir e, em especial, a do mercado de trabalho - seja seguindo uma carreira artística ou se integrando a partir de suas interações. “Além de gerar trabalho e fazer circular riquezas, a participação da cultura no desenvolvimento se dá também na maneira como ela oferece aos indivíduos, grupos, e sociedades algo que lhes é essencial: a IDENTIDADE” (Barros, 2007, p.6). O Maracambuco tem um grande potencial de servir como uma ‘vitrine’ para o mercado enxergar grandes talentos. Nilo relatou a história de um participante que iria ser dispensado do exército, mesmo querendo ficar, mas ao saber que ele tocava em um maracatu, chamaram-no para cumprir mais um ano de serviço.

Mimi também trouxe um pouco de como é a dinâmica entre o seu trabalho e a participação nas apresentações do Maracambuco, inclusive para poder participar da conversa.

*E até hoje, eu to num emprego, e aí fui tocar numa apresentação em Garanhuns, no FIG , e meu patrão viu eu tocando, na televisão, e disse “qualquer dia eu vou trazer o seu maracatu para cá”. Eu trabalho em Boa Viagem. Ele disse que ia trazer o grupo porque gostou muito. Disse que pensava que era uma coisa, mas é outra. [...] Hoje eu ia pegar mais cedo no trabalho mas pedi pra ir mais tarde, coloquei no grupo que ia resolver uma apresentação pra o Maracambuco. Muita gente pede pra sair pra não fazer nada, mas eu sempre dou uma explicação, mando foto, mando vídeo, faço qualquer coisa por que tô divulgando meu trabalho e eu dependo disso (Mimi).*

Percebemos assim que estar inserido em um grupo como o Maracambuco garante credibilidade aos seus integrantes, uma vez que pertencer a este 'lugar' demonstra um compromisso com a cultura local e com suas tradições. Essa ligação não apenas confere legitimidade, mas também transforma os membros em portadores/especialistas de conhecimentos e práticas que enriquecem a vida social. Sua participação ativa em um grupo de cultura popular também fortalece a imagem do indivíduo como alguém engajado e respeitado dentro da comunidade, refletindo um profundo respeito pelas raízes culturais que representam.

### 3.4 Maracambuco enquanto Instituição

*O governo trata o terceiro setor como resto, é o que sobra. To dizendo a você, a gente é mal usado em outdoor. Você vê, tem os caboclo de lança na propaganda do governo, estão lá no outdoor, mas chega na hora está passando fome. Tem gente que ainda não recebeu o carnaval de Olinda ainda. Isso é valorizar a cultura popular? Se terminou, deveria pagar a cultura popular primeiro.[...] (Nilo).*

Institucionalmente é notável que, para conseguirem ser ‘enxergados’ pelo estado - seja no âmbito municipal, estadual ou federal - os grupos de cultura popular precisam ser institucionalizados, ou seja, ser, como trouxeram em alguns pontos de nossas conversas, uma entidade juridicamente constituída, em outras palavras, ter um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica).

*É como eu digo, se você não tiver um CNPJ, não tiver uma certidão, não tiver cadastrado corretamente, você é um grupo e não uma entidade constituída. E hoje o governo exige, logicamente que precisa documentação para poder participar de editais e coisas abertas por ele[...]. (Nilo)*

Essa é uma discussão bastante importante, visto que essas exigências podem ser consideradas uma espécie de ‘barreira institucional’, em que podem atuar como uma entidade aqueles que cumprem os pré-requisitos. Em contrapartida, essa estruturação também os assegura em termos legais, principalmente no que diz respeito à sua manutenção (sobrevivência) em momentos que pode haver uma política anti-cultura, como testemunhamos recentemente.

Carine expandiu essa discussão quando conversamos sobre como se dá a relação do grupo com os ‘entes’ do estado.

*Sempre que as prefeituras ou governo do Estado lançam editais para carnaval, eventos durante o ano e atividades de calendário, o grupo se cadastra. Quando é habilitado, normalmente é convocado para participar desses eventos. Mas isso se dá com um envio de projetos, envio de documentação - porque o grupo é organizado juridicamente, contendo estatuto e CNPJ, possui certificados de Consagração, o que leva a aprovação nesses projetos e a participação desses editais [...] ser uma entidade juridicamente constituída gera uma segurança e conforto, principalmente para os governos contratarem, né? Porque de uns anos para cá se tem a política de evitar o contato via produtoras. Para os grupos serem mais, como é que eu posso dizer... que eles mesmo tenham a manutenção deles, porque quando eu tercerizo uma contratação eu perco,*

*seria uma outra empresa cuidando disso, que seria o atravessador. Então, para o governo é mais interessante contratar o grupo diretamente. E se o grupo é constituído juridicamente e cumpre toda exigência do governo, que não é pequena, não tem porque ter um atravessador. Dessa forma o grupo pode ser contratado diretamente pelo governo do estado e pelas prefeituras (Carine).*

Figura bastante recorrente quando lidamos com cadeias de produção, o atravessador também está presente nesse cenário. De acordo com Mayorga e Oliveira (2005), estes podem ser definidos como agentes que atuam como intermediários na relação entre produtores e consumidores na comercialização de seus produtos, independente da sua origem. No contexto da relação estado e cultura, essa figura normalmente é aquela que detém os contatos na administração pública ou que vence licitações (dependendo do estilo dessas). Assim, conseguem colocar o artista/grupo cultural (produtor) em contato com o governo (consumidor), mas ficam com uma boa margem do valor do contrato, como destacado na fala. Dessa forma, possuir o CNPJ também quer dizer não depender desse ator.

Outro ponto importante, é sobre como se dá esse processo de recebimento dos recursos diretamente do estado.

***Perlyson** - Conversando comigo, Nilo destacou que às vezes um grupo popular ao ser convocado nesses chamamentos não recebe a mesma importância que um artista de fora...*

***Carine** - Isso é verdade. E é aí que entra a questão da consagração, nem sempre a consagração do grupo é levada em conta no pagamento, no valor financeiro que é revertido. Um artista de Fora, pela demanda de mercado, é muito mais reconhecido financeiramente do que um grupo como o nosso, de cultura popular, que está com mais de 30 anos. A gente chegou num certo valor, mas que ainda pode ser melhor, que ainda é baixo frente ao que é apresentado e em comparação, ainda é baixo para o que a gente vê de artistas que vem de fora (Carine).*

O poder público ainda não tem dado a devida importância à cultura popular. Há uma discrepância entre cachês pagos a artistas, maior parte sendo cantores, e grupos de cultura popular. Enquanto estes grupos recebem entre R\$1.200,00 a R\$5.000,00 (Anexo C), atrações mais evidenciadas na mídia, chegam a cifras bem mais elevadas. Além disso, também há atrasos e demora no repasse dos valores devidos aos grupos, como no ano passado, em que Orquestras e Agremiações só receberam o seu pagamento em Julho, 5 meses após o carnaval (Carneiro, 2024). Este recorte recai sobre a prefeitura de Olinda, mas é um dos exemplos da realidade que acontece em todo o país.

O papel da cultura na sociedade é reconhecido e amparado internacionalmente através de diversos dispositivos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC) de 1966, ambos sob o monitoramento do Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU. Nacionalmente, além dos ‘Direitos Culturais’ contidos na Constituição Federal de 1988, também temos leis que realizam o incentivo e fomento à cultura, como a lei Rouanet (8.313/31) e Aldir Blanc (14.017/20). E embora haja essa institucionalização, ainda se faz necessário mais.

*Porque se a cultura não virar política pública de estado, a gente sofre. Sofre para manter vivo viu. Se você for olhar na sociedade o povo fala que o Lazer é o supérfluo, né? Aí a cultura entra tipo um lazer. Mas se você for ver o trabalho que é feito para chegar neste lazer que a cultura proporciona, como a educação o esporte se propõe principalmente com a juventude? Ai, meu filho, por isso que eu tô falando, tem que ter aporte. O governo tem que ter uma visão para isso porque embora haja esse discurso de que é algo supérfluo, se você for olhar toda parte de economia da indústria criativa, não é brincadeira não, é uma indústria que gera 2% do PIB. Não é pouca coisa não... São 2% do PIB. Então, poxa, será que é tão supérfluo assim quando se gera dois por cento? (Carine)*

Os dados citados por Carine sobre o PIB, são oriundos de um estudo realizado pelo Observatório Itaú Cultural (2023), sobre a Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (Ecic). Ele aponta que entre os anos de 2012 e 2020 a Ecic contribuiu com cerca de 2,63% do PIB brasileiro. Visto dessa ótica, temos aqui uma fatia importante da economia nacional, mas não só isso, seu impacto se estende além dos números, gerando milhões de empregos, fomentando o turismo e atraindo visitantes com eventos como o Carnaval.

A cultura desempenha um papel fundamental ao fortalecer a identidade e a coesão social, estimular a criatividade e a inovação, e promover o bem-estar das pessoas. Projetos culturais não apenas impulsionam o desenvolvimento sustentável, mas também estão interligados à educação, formando cidadãos mais críticos e conscientes. Assim, a cultura é vital para o desenvolvimento social, econômico e humano do Brasil, sendo um elemento essencial na construção das identidades dos jovens. Preservá-la significa reconhecer sua importância e extensão. Portanto, a valorização da cultura é crucial para a construção de uma sociedade que nos conecta, nos ensina e nos permite crescer juntas, promovendo a diversidade, a tolerância e a compreensão mútua.

### 3.5 Relação do Maracambuco com o Internacional

*[...] quando o turista vem, ele vem para ver um patrimônio material e imaterial do Estado. Muito se fala do material, entendeu? Aquele que é palpável, a igreja, os casarões... mas não fala do terceiro setor, que é a gente. Nós trabalhamos também diretamente com turismo. O turista quando vem no carnaval ele quer ver o maracatu e vem também conhecer os projetos sociais (Nilo).*

De acordo com dados da EMPETUR (Dourado, 2019), o principal fator que leva os turistas a escolherem a cidade de Olinda para realizar uma visita é o seu patrimônio histórico/cultural, isso representa 76% do total de visitantes - época fora do carnaval. Ainda de acordo com esses dados, entre os estrangeiros, os argentinos representam 47,9%, enquanto os franceses são 10,26%. Como destacado anteriormente, o Maracambuco faz trabalhos em parceria com a Secretaria de Turismo de Pernambuco que buscam realizar a integração do turista com a cultura local, não apenas com o bem material, como destacado por Nilo, mas também com o patrimônio imaterial, que são as tradições e manifestações culturais. Dessa forma, a união entre turismo internacional e cultura é essencial para alavancar esses números.

*[...] quando a gente foi para Paris, foi para o Festival Nordestino da Associação Mandioca, onde a gente fez o figurino deles, demos palestras e fizemos algumas matérias para televisão e teve a lavagem da Madeleine, em que participamos no desfile representando o Maracatu (Nilo).*

A participação do Maracambuco nesse evento em 2006 foi um marco importante, pois “realizou oficinas de dança, percussão e desfile pela Avenue Damsenil – divulgando seu trabalho no projeto Destins Nordestins” (Maracambuco, 2013). A presença em eventos internacionais como esse não apenas promove e valoriza nossa cultura, mas também estabelece fluxos diaspóricos que favorecem a troca cultural entre diferentes sociedades. A cultura, enquanto política pública e produto, ganha destaque em atividades como a lavagem da Madeleine, que, juntamente com outras programações, possibilita que tradições brasileiras, como o maracatu, tenham visibilidade no exterior. Isso não só promove o turismo local, mas também fortalece a identidade cultural e gera uma nova apreciação por parte do público internacional.

Figura 08: Maracambuco em Paris



Fonte: Acervo do Maracambuco, 2006.

Durante a uma de nossas conversas, Nilo comenta que a ida a Paris repercutiu positivamente para o grupo, mostrando como o intercâmbio cultural atua enquanto vetor de conexão, enriquecendo tanto quem apresenta quanto quem observa.

***Perlyson:** E quando vocês voltaram, houve alguma coisa que, de fato, mudou? Por exemplo, meio que teve uma chancela de “ah, eles agora foram lá para fora fizeram”.*

***Nilo:** Claro! É o currículo! Não deixa de ser uma consagração. Quando a gente foi para falar que festival latino-americano pela UnB, lá em Brasília, também foi uma grande repercussão porque é o festival Latino Americano. Quando a gente foi para a comemoração dos 500 anos do Brasil, a única entidade que representou os 500 anos do Brasil, em Salvador, foi Maracambuco de Pernambuco. A gente já foi para João Pessoa também com intercâmbio feito com Olinda e para mim foi muito gratificante porque vai rompendo barreiras e trocando informações. Eu digo sempre isso, o pessoal pensa que é só fazer uma apresentação em si, coisa que eu não gosto, eu gosto de ir naquele local e fazer a apresentação e sair de lá com alguma experiência para usar no currículo, entendeu? Que futuramente possam chegar lá e falarem “ah, eu lembro de vocês, vieram tal dia aqui” (Nilo)*

Para Carine, a visão do intercâmbio tomou uma outra perspectiva:

**Perlyson** - Pegando um gancho no que a gente já tinha conversado lá atrás, quando comentei sobre a ideia de fazer a pesquisa e conversamos um pouco sobre o Maracambuco ter ido a Paris representar Olinda, te perguntei se tinha notado alguma diferença quando voltaram, se por exemplo houve alguma mudança por ter tido esse reconhecimento internacionalmente. Poderia comentar um pouco mais sobre isso?

**Carine** - Diferença há, porque entra dentro do currículo, dentro da consagração, tudo que é a nível Nacional ou internacional e, principalmente, por termos ido representar a cidade de Olinda. O grupo que foi, o pessoal que foi, foi representado a cultura de Olinda neste evento. Então gera um retorno. Até questão de currículo mesmo, mas que seriam coisas que poderiam ser mais bem vistas, entendeu?

**Perlyson** - Eu lembro que na época você chegou a comparar com o retorno da apresentação do Maracambuco na carvalheira, por exemplo.

**Carine** - É... porque veja só, nós fazemos carvalheira há nove anos. Nós fomos a primeira vez por uma indicação, né? Um amigo que ia fazer um show lá e eles estavam precisando, ele nos indicou e nós fomos. Desde então, nunca terminou a parceria. Já são nove carnavais, desde quando eram um embrião dentro do sítio histórico até hoje, essa mega festa que se tornou esse gigante camarote, né? São poucos os que vêm para Olinda e não sabem o que é o Carvalheira na Ladeira. Você vê, essa parceria foi uma coisa que nós fizemos, fomos lá e plantamos a semente, e ela gerou frutos, mas a ida ao evento em Paris não gerou uma semente. Porque não houve retorno, entendeu? A gente foi, mas depois se diluiu. Quando a gente conversou sobre isso e eu te disse que acho que nunca mais vai um grupo fechado, um grupo daqui para lá, não vai, um grupo genuinamente originário. E isso passa muito pela questão de custo e pela questão de que os mestres que levaram para lá plantaram lá, eles plantaram sementes e elas frutificaram... lá. Não houve intercâmbio. O intercâmbio fechou, não foi uma Mão Dupla (Carine).

A partir da fala de Carine, percebemos que a participação em eventos como esse são uma oportunidade valiosa para divulgar a cultura de Olinda, mas a ausência de um intercâmbio genuíno e de frutos duradouros é preocupante. Isso nos traz uma importante reflexão sobre estabelecer conexões e parcerias significativas e duradouras, em vez de meras visitas unicamente para cumprir formalidades. É essencial que haja um esforço consciente de continuidade e reciprocidade.

Atualmente, o grupo está viabilizando a possibilidade de um novo intercâmbio - dessa vez para a região de Bolonha - a partir de contatos estabelecidos por um mestre formado pelo Maracambuco, que atualmente reside na Itália. Neste momento de mediação, houve uma visita da comissão de Bolonha à sede do Maracambuco e a partir disso, oficinas de apresentação foram ministradas.

*Pronto, a indicação dessa equipe que veio de Bolonha/ITA, para conhecer o trabalho do Maracambuco, na semana que passou, e o encontro que vou ter*

*na quarta, para para passar a sabedoria do Maracatu, vieram porque o menino que tá lá disse “padrinho tá lá me esperando.” Então para você ver o meu menino foi sem ser mestre para fora e ele não teve a valorização em comparação a de quando ele foi com o título. [...] Então assim eu ensino ele e hoje se você não tiver consagração, se você não se impor com títulos, você é um nada, você vai cair no esquecimento, por isso que eu brigo, eu não brigo tanto pelo financeiro, brigo pelas consagrações, para impor e dizer olha tô aqui eu tô trazendo resultado para o meu estado então me ajude segurar essa bandeira, que é a bandeira de Pernambuco não é só minha não, é de todos nós, e está até na nossa marca! (Nilo)*

Durante a conversa sobre uma possível visita à Itália, tanto Carine como Nilo destacam que, caso aconteça, a comitiva será bastante reduzida. Sobre isso, Carine expôs que acha difícil ir o grupo completo, principalmente por conta dos custos associados à viagem, uma vez que os valores podem chegar a mais de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), e que dificilmente um grupo consegue este financiamento.

***Perlyson** - Talvez tenha um outro agora para a Itália?*

***Carine** - Estamos nessa expectativa. Mas nesse caso já é algo de furar a bolha, por que já foi gente daqui, formada aqui, para lá e que está fazendo um trabalho que está enxergando uma brecha para inserir novamente essa questão. Mas que é como a gente vê, todo ano existem intercâmbios, mas vão os Mestres, normalmente não vai os grupos com os mestres. Vão os dançarinos que se destacam (Carine).*

Nilo explica que há a expectativa que ele vá antes, para validar se há condições de fato de levar o grupo, que seria restringido a cerca de 5 ou 6 pessoas. Normalmente são pessoas que já estão estabelecidas no grupo e que se destacam em suas áreas, incluindo também pessoas que vão assumir novas responsabilidades - caso de Mimi. Quando perguntado sobre a possível viagem, Mimi trouxe que:

*Se Nilo for pra essa viagem mesmo, se der tudo certo, ele tá indo pra ver lá o local tudinho, se disser que vai levar seis pessoas. Se for bom pra ele, vai ser bom pra a gente também, né? E a marca do Maracatu que vai tá lá, né, já tem umas pessoas lá divulgando a marca do Maracatu. E o presidente que tá indo lá (Mimi).*

Ao ser questionado sobre os integrantes que estariam nesse intercâmbio, perguntei a Nilo se Mimi seria um dos selecionados nesta ocasião:

*Com certeza que vai ser uma das seis. Ele precisa ter um choque cultural, ele precisa sair, pra ter o choque. Já tá na lista, por que a gente investe nele, lá ele vai ter o choque e em todos os sentidos lá fora eles vão entender minha implicância com eles aqui. [...] Os outros que foram, tiraram proveito e tenho certeza que ele vai tirar proveito também. Mas sabendo que seu país não é aqui, tem que respeitar suas raízes e seu país, tirar de lá só o que for bom, quando voltar. Vão voltar intelectuais, conversando sobre isso, pois sabem se expressar e sabem o que é bom (Nilo).*

Pode-se entender, aqui, que uma viagem internacional, atravessando as fronteiras nacional e realizando intercâmbio cultural também como um símbolo de transição de posição, de status.

Partindo disso, podemos traçar um paralelo entre a experiência internacional dos membros do grupo e um requisito para aqueles que aspiram a se tornar mestres no contexto do Maracambuco. Em ocasiões anteriores, ao participarem de intercâmbios semelhantes, outros indivíduos enfrentaram o que Nilo descreve como um "choque". Esse choque não se refere apenas a uma adaptação cultural de uma viagem ao exterior, mas representa uma transição profunda que desafia suas percepções e lhes proporciona uma nova compreensão de sua identidade e papel dentro do grupo, sempre respeitando suas raízes.

Após esse momento de transição, os integrantes que já estão prontos, são honrados com o título de mestre, uma conquista que simboliza não apenas seu aprendizado, mas também a validação de suas experiências e contribuições ao grupo. Embora essa prática não seja formalmente institucionalizada dentro da estrutura do Maracambuco, sua repetição ao longo do tempo indica uma tradição, revelando um aspecto significativo em sua cultura organizacional. Assim, podemos observar que o elemento internacional, presente nas interações e intercâmbios culturais, assume também um caráter transitório e dinâmico, permitindo que os integrantes se conectem com uma identidade mais ampla, que transcende os limites locais e enriquece sua experiência cultural, tornando-os, como Nilo destacou, intelectuais, especialistas. Essa dinâmica não apenas fortalece o grupo a partir da transição destes integrantes, como também gera inspiração e expectativa para os membros mais novos, contribuindo para a construção de uma narrativa cultural mais rica e diversificada.

### **3.6 “Um povo que não preserva sua história e sua cultura, é um povo sem memória”**

*Está aí a Europa para mostrar, um povo que não preserva sua história e sua cultura, é um povo sem memória, senão eles não preservariam as cidades com mais de dois mil anos, um grande museu, que não tem quem saia daqui*

*do Brasil ou de qualquer lugar do mundo que vai para Europa e que não vai visitar museu (Carine).*

A institucionalização da preservação do patrimônio cultural é fundamental. O Estado precisa atuar como guardião dos valores do passado, mas também como um agente ativo na construção da identidade cultural contemporânea. Isso se aplica não apenas aos patrimônios culturais físicos, mas também às ideias e as essências das práticas culturais. Ao fazer isso, o Estado reforça a memória coletiva e promove a diversidade cultural, garantindo que as futuras gerações tenham acesso a um legado rico e significativo.

*Eu sempre digo a todo mundo: a cultura é uma ferramenta muito grande de transformação. Se lá fora um ratinho é famoso no mundo todo. [...] Aí a cultura de raiz, que é a dança, que veio da África e tem aquela história pesada, não vai ser? É mais fácil acabar com o ritmo da modinha, não com o Maracatu e nem com frevo, viu? É centenário, o Maracatu vai chegar a patrimônio Mundial, que já está em trâmite pra se tornar, e a gente também completou com as leis do Dia Nacional, Dia Municipal e o Dia Estadual do Maracatu [...] (Nilo).*

Com forte apelo comercial, a cultura de outros países é frequentemente promovida, enquanto as expressões culturais locais carecem de visibilidade e apoio - o Mickey não deveria ter mais prestígio e influência no nosso cotidiano do que o maracatu, essencial para nossa formação cultural. Essa diferença de exposição faz com que as nossas raízes culturais fiquem em segundo plano, apesar de seu imenso valor. De toda forma, a responsabilidade da preservação não pode recair inteiramente sobre o agente estatal, deve haver também o esforço da sociedade civil em preservar sua história.

Nesse sentido, apesar das dificuldades institucionais - discutidas na seção 4.4 - a Política Nacional da Cultura Viva (PNCV) mostra-se como uma excelente política pública de estado, já que realiza essa integração visando “capacitar e fomentar ações realizadas por entidades, coletivos e agentes culturais em suas comunidades, bem como apoiar, valorizar, reconhecer, dimensionar e divulgar as culturas e os fazeres culturais em seus diferentes territórios.” (Brasil, 2024).

*[...] Isso já é uma política de preservação, de tombamento. Agora em 2024 acabamos de receber pelo IBM, Instituto brasileiro de Museu, o certificado de ponto de memória e cultura, o Maracambuco. Foi importantíssimo pra mim, porque é uma consagração muito forte (Nilo).*

O Instituto Brasileiro de Museus concedeu ao Maracambuco, em julho de 2024, o Certificado de Ponto de Memória. “Esta certificação comprova que o Maracambuco é uma entidade cultural que apoia e desenvolve atividades que contribuem com a preservação e valorização do patrimônio imaterial de nosso país.” (Maracambuco, 2018). Outro ponto que reforça esse trabalho do Maracambuco é o fato de ter recebido a certificação de Ponto de Cultura, pelo Ministério da Cultura em 2018, dentro do escopo da PNCV, certificando que o grupo “desenvolve e articula atividades culturais em sua comunidade e contribui para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos, da cidadania e da diversidade cultural no Brasil” (Maracambuco, 2018).

O pertencimento, ou o sentimento de pertencimento, é uma crença subjetiva numa origem comum que conecta indivíduos diferentes. Isso acontece porque essas pessoas se vêem como membros de uma coletividade específica, que expressa seus valores, medos e aspirações através de símbolos. (Ana Lúcia Amaral, 2006 *apud* Assumpção e Castral, 2022, p.18). Ainda de acordo com Assumpção e Castral (2022), é a partir desse sentimento e desse processo de formação social que o indivíduo constrói sua identidade. Com essa base, ele se engaja coletivamente em um grupo social e em um determinado local, sentindo-se parte integrante e lutando pela sua sobrevivência, pela preservação de sua cultura e pela construção de sua memória coletiva.

A cultura, dessa forma, atua como um conjunto de valores, expressões e tradições que refletem essa identidade. O investimento simbólico aqui se manifesta na forma como as pessoas se conectam emocionalmente com suas heranças culturais, reconhecendo-as como parte fundamental de quem são. Assim, a prática social não é apenas um ato isolado, mas uma forma de reafirmar e preservar esses vínculos afetivos, destacando como essas manifestações não são apenas representações superficiais, mas também carregadas de significado e afetividade. O Maracambuco é um exemplo de um espaço de vivências e experiências sociais, a quais integrantes estão vinculados.

*Você (apontou em direção a mim) é uma testemunha, se jogar você na Carvalheira ou em alguma apresentação, não tem explicação, tá na raiz, não tem como explicar (Nilo).*

## **FECHAMENTOS E ABERTURAS: DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS AO SÁBADO DE ZÉ PEREIRA**

Devido ao aspecto pioneiro desta pesquisa dentro do curso de Relações Internacionais da UFPB, um dos principais desafios na sua condução foi a necessidade de submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Essa etapa, embora essencial, demandou tempo e ajustes no protocolo, gerando ansiedade e incertezas sobre a sua viabilidade. Além disso, a marcação das entrevistas com os integrantes do grupo Maracambuco se mostrou desafiadora. A disponibilidade dos participantes, condicionada às rotinas pessoais de cada um, bem como da minha, tornou o agendamento um processo mais complexo do que inicialmente previsto.

Além disso, o recorte das informações obtidas também se mostrou um grande desafio, (i) para garantir que as informações retratadas em texto fossem relevantes ao tema e que de fato representassem as experiências vivenciadas pelos integrantes; (ii) pela riqueza dos relatos obtidos, que abrem espaço para a inserção de outras discussões. Estes desafios foram solucionados adaptando o tema inicial para, além das conexões com o internacional, salientar outros aspectos da realidade do Nação Maracambuco que são de grande relevância para seus membros e para a comunidade.

O número reduzido de entrevistas realizadas com os integrantes do grupo Maracambuco não representa toda a diversidade de experiências dentro do grupo, o que pode ter limitado o escopo das discussões. Dessa forma, reconheço que esta pesquisa não oferece uma visão abrangente sobre o impacto das interações culturais no carnaval de Olinda. No entanto, a partir da riqueza das entrevistas realizadas, foi possível estabelecer entendimentos e realizar interpretações que podem oferecer pontos de partida para outras pesquisas, sem a pretensão de estabelecer leis gerais recorrentes.

Ao analisarmos os achados da pesquisa, percebemos que a conexão entre a cultura do carnaval de Olinda e o contexto internacional, através das experiências do Nação Maracambuco, se destaca principalmente pela interação com turistas estrangeiros. A participação do grupo em eventos internacionais e intercâmbios culturais cria oportunidades únicas para os integrantes compartilharem a riqueza do carnaval de Olinda em diferentes cenários. Essas interações permitem que os turistas vivenciem a vivacidade e a autenticidade do maracatu, através de uma imersão na cultura local, gerando um interesse genuíno pelo patrimônio cultural de Olinda. Essa troca cultural enriquece a experiência do visitante, que, ao retornar para seu país, pode se tornar um embaixador da cultura pernambucana, contribuindo

para a promoção do turismo na cidade, bem como a expansão do alcance do maracatu ao redor do mundo.

Além disso, a presença do Nação Maracambuco em eventos internacionais fortalece a identidade cultural da cidade, atraindo mais visitantes e incentivando o reconhecimento global do carnaval de Olinda. Esse engajamento não só valoriza o trabalho do grupo, mas também gera novas oportunidades de aprendizado e inovação, criando um ciclo positivo que beneficia tanto os integrantes quanto a comunidade local. Assim, a interação com turistas se torna um elemento essencial para a valorização e a continuidade das tradições culturais de Olinda.

As diferentes conexões identificadas entre o internacional e a atuação do grupo ressaltam a complexidade das relações internacionais em contato com a cultura. Há entre os entrevistados uma opinião comum de que suas viagens internacionais foram experiências que agregaram ao ‘currículo’ do grupo. No entanto, essa troca cultural, embora enriquecedora, também revela a dificuldade em transformar experiências em retornos concretos para a comunidade local. Isso destaca a importância de olhar para elas a partir de um olhar crítico, uma vez que esse reconhecimento não se traduz necessariamente em benefícios diretos ao grupo, como apoio financeiro ou preservação de suas tradições. Isso levanta questões sobre a sustentabilidade das práticas culturais em um contexto cada vez mais globalizado. O Nação Maracambuco também atua socialmente em escala local como um espaço de inclusão, fortalecendo laços comunitários e promovendo coesão social por meio de diversas ações. Suas práticas refletem a sincretização de tradições africanas, e além de destacar a importância de respeitar as práticas que compõem a identidade do grupo, demonstram a importância do histórico de relações internacionais do Brasil, incluindo nestas a colonização e a influência cultural não apenas dos colonizadores, mas também de africanos escravizados na construção de elementos de nossa cultura como o maracatu.

Assim, o estudo oferece contribuições que vão além da análise das experiências do Maracambuco, também indica um ponto de partida para um entendimento mais extensivo sobre as dinâmicas culturais locais de Olinda e as Relações Internacionais. Este trabalho também é um recorte da minha história, uma narrativa pessoal em que o Maracambuco ocupa um lugar especial. Desde o primeiro contato com seus ritmos e suas cores, fui atraído por sua beleza e por sua tradição. Cada apresentação e cada ensaio me proporcionaram uma oportunidade de aprender e refletir sobre a diversidade cultural, ampliando minha compreensão e respeito por essa herança. Ao documentar minha trajetória, busco reconhecer e valorizar o Maracambuco como uma parte importante do meu desenvolvimento pessoal e do

meu compromisso com a preservação e o respeito à cultura que tanto admiro. A Quarta-feira de Cinzas chegou, marcando o término desta pesquisa, mas também o Sábado de Zé Pereira, ilustrando a abertura de novos caminhos.

## REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Maracatu**. Toda Matéria, [s.d.]. Acesso em: 1 ago. 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/maracatu/>.

AMARAL, A. L. **Dicionário de Direitos Humanos**, 2006. Acesso em: 02 set. 2024. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo-SP: Artmed, 2009.

ASSUMPÇÃO, A. L.; CASTRAL, P. C. **Memória, identidade e cultura**: condições de pertencimento aos espaços da cidade. Patrimônio Industrial, Museus e Museologia: Debates e desafios, Rio Grande do Sul, v. 14, ed. 27, 2022. DOI <https://doi.org/10.15210/rmr.v14i27.23435>. Acesso em: 27 set. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/23435>.

ASSUMPÇÃO, A. L.; CASTRAL, P. C. **Memória, identidade e cultura**: condições de pertencimento aos espaços da cidade. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 14, n. 27, jul-dez, 2022. Acesso em: 23 ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rmr.v14i27.23435>.

BARROS, J. M. **Cultura, mudança e transformação**: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador-BA, 2007. Acesso em 10 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoseMarcioBarros.pdf>.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEALS, Ralph L.; HOIJER, Harry. **Introducción a la antropología**. 2. ed. Madri: Aguilar, 1969.

BOVO, N. M. P. **Uma cultura estudando cultura a etnografia como metodologia de pesquisa**. Acesso em: 30 ago. 2024. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/67-uma-cultura-estudando.pdf>

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. [Brasília]: Conselho Nacional de Saúde, 12 dez. 2012. Acesso em 10 ago. 2024. Disponível

em:[https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/hfa/ensino-e-pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa-cep-hfa-1/arquivos/resolucao\\_cns\\_n\\_466.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/hfa/ensino-e-pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa-cep-hfa-1/arquivos/resolucao_cns_n_466.pdf).

BRASIL. Ministério da Cultura. **O que é a Política Nacional de Cultura Viva?**. [Brasília]: Ministério da Cultura, 30 jan. 2024. Acesso em: 16 jun. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/politica-nacional-de-cultura-viva/o-que-e-a-politica>.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HFA). [Brasília]: Ministério da Defesa, 26 abr. 2021. Acesso em: 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/hfa/ensino-e-pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa-cep-hfa-1#:~:text=Um%20CEP%20%C3%A9%20um%20colegiado,pesquisa%20dentro%20de%20padr%C3%B5es%20%C3%A9ticos>.

BRASIL. Ministério da Saúde. “Plataforma Brasil”. [Brasília]: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>, Acesso em 20 mar. 2024.

**Carnaval 2024:** Olinda realiza a maior festa da sua história. Com uma movimentação econômica de R\$ 400 milhões e recebendo mais de quatro milhões de foliões, Olinda fez a festa que é a Cara da Gente, 2024, Olinda-PE. O carnaval de Olinda é a cara da gente. 2024. Acesso em: 23 jul. 2024. Disponível em: <https://www.olinda.pe.gov.br/wp-content/uploads/2024/02/BALANCO-FINAL-COLETIVA-CARNAVAL-1.pdf>

CARNEIRO, Giovanna. **Carnaval foi em fevereiro, mas em Olinda orquestras e agremiações ainda não receberam cachês**. marcozero.org, 2024. Acesso em: 10 set. 2024. Disponível: <https://marcozero.org/carnaval-foi-em-fevereiro-mas-em-olinda-orquestras-e-agremiacoes-ainda-nao-receberam-caches/>.

CARVALHO, Bianka. **Maracambuco:** conheça a história do grupo de maracatu que transformou comunidade em Olinda e completa 30 anos em 2023. g1.globo.com, 2023. Acesso em: 16 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2023/noticia/2023/02/08/maracambuco-conheca-a-historia-do-grupo-de-maracatu-que-transformou-comunidade-em-olinda-e-completa-30-anos-em-2023.ghtml>.

CLAVERY, Elisa. **Intolerância religiosa:** denúncias crescem mais de 80% no primeiro semestre de 2024, segundo Disque 100. g1.globo.com, 2024. Acesso em: 10 ago. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/07/intolerancia-religiosa-denuncias-crescem-mais-de-80percent-no-primeiro-semester-de-2024-segundo-disque-100.ghtml>.

CULTURA PE. **Maracatu**. Cultura PE. Acesso em 1 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/cultura-popular-e-artesanato/cultura-popular/manifestacoes/maracatu/>.

DOURADO, Mona Lisa.; BANHOLZER, Marília. **Em Olinda, 484 anos de história se resumem a poucas horas de passeio**. [jc.ne10.uol.com.br](http://jc.ne10.uol.com.br), 2019. Acesso em: 10 set. 2024. Disponível em: [https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/turismo/noticia/2019/11/24/em-olinda-484-anos-de-historia-se-resumem-a-poucas-horas-de-passeio-393359.php#:~:text=chilena%2C%20na%20ocasi%C3%A3o-,Dados%20da%20Empetur%20confirmam%20que%2085%2C11%25%20dos%20visitantes%20de,franceses%20\(10%2C26%25\)](https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/turismo/noticia/2019/11/24/em-olinda-484-anos-de-historia-se-resumem-a-poucas-horas-de-passeio-393359.php#:~:text=chilena%2C%20na%20ocasi%C3%A3o-,Dados%20da%20Empetur%20confirmam%20que%2085%2C11%25%20dos%20visitantes%20de,franceses%20(10%2C26%25)).

EDWARDS, R., & HOLLAND, J. **What is qualitative interviewing?** London: Bloomsbury, 2013.

FERREIRA, I. O. **Povos Banto no Brasil: os elos entre as Calungas de Maracatu-Nação e as esculturas Minkisi**. Combates pela história, Vitória da Conquista, 20-23 out. 2020. Acesso em 2 ago. 2024. Disponível em: [https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1604064709\\_ARQUIVO\\_1bbeb067241aae60a1a572f76ff4aa5a.pdf](https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1604064709_ARQUIVO_1bbeb067241aae60a1a572f76ff4aa5a.pdf).

FLORES, A. P.; MIGUEZ, P. C. **A cooperação cultural na perspectiva da Unesco**. Trajetória e expectativas. Políticas Culturais em Revista, v. 1(8), p. 106-120, 2015. Acesso em: 10 ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/13443/9752>.

FOUCAULT, M. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro:PUC Rio, 2016.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia cultural: man and his works**. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **País do Carnaval!** País do Carnaval?(Uma apresentação alentada ao dossiê: Carnavais & organizações). Organizações & Sociedade, v. 20, n. 64, p. 99-109, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/pnWbz4KhfYW8HbySxkfnGsn/?lang=pt>. Acesso em: 22 abril 2023.

IORIO, J. C.; NOGUEIRA, Silvia Garcia. **O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal**. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana [online], v. 27, n. 56, p. 197-215, 2019. Acesso em: 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/JKv9GkGkFVmJhbVNd6TwHcM/?lang=pt>.

JULIO, M. T. **Contribuições do Maracatu de Baque Virado na Educação Antirracista**. Revista SUSTINERE, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 160-183, jan-jun, 2021. Acesso em: 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/51038/38565>.

KAHN, J. S. Edward B. Tylor: **La Ciencia de la Cultura** (1871). In: KAHN, J. S. **El concepto de cultura: textos fundamentales**. 7. ed. Barcelona: Anagrama, 1975. p. 29-46. Disponível em: [https://www.academia.edu/38953994/El\\_concepto\\_de\\_cultura\\_textos\\_fundamentales\\_EDITO\\_RIAL\\_ANAGRAMA\\_BARCELONA](https://www.academia.edu/38953994/El_concepto_de_cultura_textos_fundamentales_EDITO_RIAL_ANAGRAMA_BARCELONA). Acesso em: 3 mai. 2024.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

Keck, M. E., & Sikkink, K.. **Activists beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics**. Cornell University Press, 1998. Acesso em: 12 mar. 2024. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt5hh13f>

KEESING, Felix M. **Antropologia cultural: a ciência dos costumes**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: A critical review of concepts and definitions**. Cambridge: The Museum, 1952.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Editorial Presença, Lisboa, 1980. Antropologia Estrutural, RJ, Tempo Brasileiro, 1970

LIMA, I. M. F. **As nações de Maracatu e os grupos percussivos**: as fronteiras identitárias. Afro-Ásia, n. 49, p. 71-104, junho, 2014. Acesso em: 29 ago. 2024. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/afro/a/Hds4YCctdTvK3yG9CVVPVxt/?format=pdf & lang=pt](https://www.scielo.br/j/afro/a/Hds4YCctdTvK3yG9CVVPVxt/?format=pdf&lang=pt).

LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução à antropologia**. 5. ed. São Paulo: Martins, 1965.

MARACAMBUCO. **Maracambuco é certificado como Ponto de Cultura**. Maracambuco, 18 mai. 2018. Acesso em: 25 set. 2024. Disponível em: <http://maracambuco.com.br/?p=1667>.

MARACAMBUCO. **Maracambuco inicia 2015 de olho no Surfe**. Maracambuco, 1 jul. 2015. Disponível em: <http://maracambuco.com.br/?p=843>. Acesso em: 25 set. 2024

MARACAMBUCO. **Maracambuco Rumo a 03 Décadas em 2023**. Maracambuco, Olinda, 10 jun. 2022. Disponível em: [maracambuco.com.br/?p=2512](http://maracambuco.com.br/?p=2512). Acesso em: 15 jun. 2024

MARACAMBUCO. **Maracambuco**: Santos, Rainhas e Leões. Maracambuco, 14 jun. 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1cD4Mb3wZIhdtzRxAGCcs24GjLMymfKVr/view>. Acesso em: 1 set. 2024

MARACATU.ORG.BR. **As Nações**. MARACATU.ORG.BR. Disponível em: <https://maracatu.org.br/as-nacoes/>. Acesso 1 ago. 2024.

MARACATU.ORG.BR. **Breve história**. MARACATU.ORG.BR. Disponível em: <https://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/#:~:text=Ap%C3%B3s%20um%20intenso%20processo%20de,de%20%E2%80%9CBoom%20do%20Maracatu%E2%80%9D>. Acesso 1 ago. 2024.

MARACATU.ORG.BR. **História**. MARACATU.ORG.BR. Disponível em: <https://maracatu.org.br/o-maracatu/historia/>. Acesso 1 ago. 2024.

MARACATUTECA. **Linha do Tempo**. MARACATUTECA , Conteúdo. Disponível em: <https://maracatuteca.com/linha-do-tempo/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 333 p.

MAYORGA, M.; OLIVEIRA, A. D. S. **Os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola: um estudo de caso**. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 43, Riberão Preto-SP, v. 1, p. 1-13, 2005. Acesso em: 10 ago. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/5335>.

MINILLO, X. K. P. **Performing sexual citizenship in/from the borders: contemporary queer Zimbabwean activism**. 249 p. Tese (Politics PhD) - University of Bristol, Faculty of Social Sciences and Law, 2023.

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. **PIB da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas: a perspectiva das Unidades Federativas**. itaucultural.org.br, 2023. Acesso em: 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/publicacoes/boletins/pib-da-economia-da-cultura-e-das-industrias-criativas-a-perspectiva-das-unidades-federativas>.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambuco**. 131p. Dissertação - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2011.

OLSSON, G.; SALLES, E. B. C. **O papel dos atores estatais e não estatais no desenvolvimento sustentável global: uma introdução, revista direito e justiça: reflexões sociojurídicas**. Revista Direito e Justiça - Reflexões Sociojurídicas, v. 17, n. 28, p. 333-346, jun, 2017. ISSN 21782466. Acesso em: 12 ago. 2024. Disponível em: [http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direito\\_e\\_just](http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direito_e_just)

ONU BRASIL. **Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Objetivo 4. Educação de Qualidade. 2023. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>>. Acesso em 15 mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração Universal sobre a diversidade cultural**. 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em 8 mai. 2024.

PEIRANO, Mariza, **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

PINTO, Vânia C. **Métodos de pesquisa em Relações Internacionais**. São Paulo: Contexto, 2023.

Rettie, R. (2009) **Mobile phone communication**: Extending goffman to mediated interaction. *Sociology*. 43 pp. 421–438.

RODOLPHO, A. L. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica**. *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004. Acesso em: 23 ago. 2024. Disponível em: [http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/560/518](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518).

SILVA, R. V.; SILVA, J. F. L. **Entrevista compreensiva: possibilidades de aproximação com o pensamento complexo**. UNESCO, Governo do Estado do Ceará, UECE e UCB. Acesso em: 11 ago. 2024. Disponível em: [https://www.uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos\\_completos/247-28528-30032016-234322.pdf](https://www.uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-28528-30032016-234322.pdf)

## **ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP Nº 6.682.014**

DISPONIBILIZADO ATRAVÉS DA PLATAFORMA BRASIL

link para acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1HeT3KBiIxxJgMFHEfBjEm-Jr-OdhvTpC/view?usp=sharing>

## **ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP Nº 6.785.074**

DISPONIBILIZADO ATRAVÉS DA PLATAFORMA BRASIL

link para acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1Q2aR6327XLwOGp3cJ1XcaojuvpbQ1SWf/view?usp=sharing>

## **ANEXO C - RELAÇÃO DE CATEGORIAS E CACHÊS SEM COMPROVAÇÃO**

DISPONIBILIZADO PELA PREFEITURA DE OLINDA

link para acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1dYptt06hnbjMVKcKKwVjFIs5OTicfHhI/view?usp=sharing>

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS INICIAL**

link para acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1FxMES1YSYDjEWVL8dncH8PNOPxFuFcmT/view?usp=sharing>

## **APÊNDICE B - CARTA RESPOSTA AO CEP**

link para acesso:

[https://drive.google.com/file/d/1WKYdNTIzNNBRhHB\\_jEOu7Qz1WAB8bvW9/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1WKYdNTIzNNBRhHB_jEOu7Qz1WAB8bvW9/view?usp=sharing)

## **APÊNDICE C - COMO FOI A SUBMISSÃO AO CONSELHO DE ÉTICA E PESQUISA**

link para acesso:

<https://drive.google.com/file/d/1-VJWqUpkheRF5EQytn0AWFqpm5aff0If/view?usp=sharing>